

# JORNAL PORTUGUÊS

n.º 5  
Jan. 74

DIRECTOR ROBERT DAVEZIES  
BOITE POSTALE N.º 52 - 75660 PARIS CEDEX 14



PREÇO DE CADA JORNAL

França	1,50 Frs
Alemanha	1,50 Marcos
Holanda	1,50 Florins
Bélgica Luxemburgo	15 F.B.

mensal

neste  
número:

portugal e o  
imperialismo

trabalhadores  
do "bâtiment"

a morte de  
2 emigrantes  
em villeneuve  
st. georges

vaga de prisões

o dia-a-dia  
dos preços

manifestações  
estudantis

o 18 de janeiro  
de 1934

cabora bassa  
e cunene

o petróleo  
e a emigração



## AVANÇAM AS LUTAS DOS TRABALHADORES IMIGRADOS

prebloc - câbles de lyon - dynamic  
margoline - greves anti-racistas

Ninguém desconhece que a luta dos trabalhadores imigrados em França apresenta novos aspectos: nem os trabalhadores, franceses e imigrados, nem os próprios patrões capitalistas.

Os operários imigrados já não se identificam, colectivamente, com a mão-de-obra servil, habitando bidonvilles, a que os patrões recorriam para « furar » greves, em troca de um salário ridículo. Essa situação mudou, tende a desaparecer. Se ainda existem casos de trabalhadores imigrados que « furam » greves ou que se recusam a lutar ao lado dos outros trabalhadores, com receio de serem despedidos ou expulsos, esses casos são

passageiros e a passagem é cada vez mais rápida. Tanto mais rápida quanto maior for o apoio às lutas dos trabalhadores imigrados, às suas formas de organização, às suas reivindicações e quanto menor for o seu isolamento político e social.

Hoje, os trabalhadores imigrados sabem qual é a sua importância na produção capitalista, importância que os próprios patrões são obrigados a reconhecer, pois eles bem sabem que, sem a força de trabalho do operário imigrante, a produção para nos sectores da construção civil, minas e indústria metalúrgica, sobretudo nas cadeias de montagem de automóveis.



# AVANÇAM AS LUTAS DOS TRABALHADORES IMIGRADOS

(cont. da pág.1)

Hoje, face aos crimes racistas, os trabalhadores imigrados encarregam-se da denúncia destes actos e manifestam a sua firme vontade de impedir a continuação das manobras de divisão dos trabalhadores, organizando eles próprios a sua defesa e denunciando a passividade das autoridades francesas perante a actuação dos bandos racistas. Tal foi o caso dos trabalhadores árabes após o atentado à bomba ao consulado argelino, em Marselha.

Hoje, contra a organização capitalista do trabalho, os trabalhadores imigrados afirmam as suas necessidades de classe, lutando contra as cadências e os horários infernais, pela garantia de emprego e por um salário de base, independente dos programas patronais, sem obrigação de trabalho extraordinário e não sujeito a reduções em caso de greve ou doença.

Os actos que aconteceram em todas as lutas recentes ou actuais: Margoline, Prebloc, Dynam e Cables de Lyon.


Hoje, os trabalhadores imigrados exigem a igualdade de direitos sociais e políticos, o fim dos contratos de trabalho que os reduzem à situação de escravos de um patrão por períodos renováveis, o fim das cartas de trabalho e de estadia, independentemente do país de origem e... da cor, contra as discriminações que o patronato e o governo francês lhes querem impôr. As greves da fome, as manifestações e outras formas de luta contra as Circulares MARCELLIN-GORSE-FONTANET são bem significativas.

O crescimento das lutas dos trabalhadores imigrados em França (como na Alemanha, na Suíça e na Inglaterra) os problemas novos

que surgem dia após dia, indicam que a sua organização das lutas, contra o patronato ou contra o Estado capitalista, deu um decisivo passo em frente.

Elas quebram o isolamento e criam laços de solidariedade cada vez mais fortes entre os trabalhadores imigrados de todas as nacionalidades, forjando um forte movimento de luta contra o racismo e todas as formas de discriminação. Elas contribuem, ao mesmo tempo, para a criação de uma unidade de tipo novo entre os trabalhadores franceses e imigrados, na luta contra o mesmo patronato, contra a mesma organização capitalista do trabalho. Uma UNIDADE em que os trabalhadores imigrados já não participam como parentes pobres, mas como trabalhadores que afirmam as suas necessidades e lutam pelos objectivos de uma mesma classe — a classe operária em França.

## CÂBLES DE LYON • BEZONS



# "FABRICAMOS CABOS ELECTRICOS PARA A BARRAGEM DE CABORA BASSA"

(Correspondência) — Nesta fábrica estão actualmente em fabricação cerca de 100 km de cabo eléctrico de uma qualidade bastante rara, destinados à barragem de Cabora Bassa em Moçambique. Esta encomenda que começou a ser fabricada em fins do mês de Novembro foi passada por uma firma inglesa.\*

Nós portugueses, que abandonamos o exército colonialista para não sermos cúmplices na guerra colonial assassina, vêmo-nos obrigados aqui em França, distantes do Portugal fascista de Caetano, a colaborar involuntariamente na política colonialista do governo português. Nós comandamos as máquinas, cuja produção vai directamente servir aqueles que tanto mal têm feito ao nosso povo e aos povos africanos em luta pela independência.

Por este exemplo prático, se vê quanto somos impotentes por agora, para impedir os imperialistas de fazer de nós colaboradores, inocentes é certo, mas directos, na repressão em Portugal e em Angola, Guiné e Moçambique. Tal obrigados a produzir as armas que irão assassinar os seus irmãos de classe africanos, asiáticos, sul americanos, nós portugueses somos obrigados em França a fabricar 100 km de cabo para a barragem

de Cabora Bassa. 100 km de sofrimento para os povos africanos e 100 km de desespero e raiva para nós, incapazes neste momento de nos opormos a esta política de cumplicidade do imperialismo mundial com o governo fascista e colonialista português.

### SOLIDARIEDADE

O eco da luta dos nossos camaradas dos « Cables de Lyon » de Gennevilliers, chegou até nós. O único sindicato representativo aqui na fábrica, a CGT, não falou nem fala desta luta aos trabalhadores. Na quinta-feira 6 de Dezembro, dois camaradas que colavam cartazes à saída da nossa fábrica sobre a greve de Gennevilliers foram denunciados pelo porteiro à polícia que apareceu mais tarde para os prender. Mas no dia 17 de Dezembro tivemos a visita de um grupo de trabalhadores de Gennevilliers que nos vieram explicar a sua luta e acabámos por organizar uma colecta nesse mesmo dia<sup>1</sup>.

### AS CADENCIAS AUMENTAM

Temos notado nestes últimos tempos, um aumento bastante grande das cadências de trabalho. O objectivo é concertar de tentar contrabalançar a diminuição da produção,

provocada pela greve dos nossos camaradas da fábrica de Gennevilliers.

### A GREVE GERAL DO DIA 6 DE DEZEMBRO

No dia 6, dia de greve geral, reinava uma grande confusão entre os trabalhadores que não sabiam o que fazer: trabalhar ou não. Nada foi organizado pela CGT. A maior parte dos operários apresentaram-se ao trabalho, pois não sabiam se os outros vinham ou não... A direcção estava presente à porta da fábrica às 6 horas da manhã, altura em que começou a trabalhar a primeira equipa. Os operários grevistas eram assim imediatamente assinalados.

Esta presença da direcção à porta da fábrica, serviu para dissuadir outros operários ainda hesitantes e que com receio da repressão patronal acabaram por ir trabalhar. Em toda a fábrica, somente uma minoria não se apresentou ao trabalho neste dia 6 de greve geral.

\*Além desta encomenda importante, estão em fabricação novas encomendas passadas pela firma « Electricity SUPPLY » de Joanesburgo (Africa do Sul) e pelo « Ministério de Ultramar português »

## greve nas fabricas de cimento

Durante um mês 10.000 trabalhadores de 64 fábricas de cimento francesas puseram-se em greve. Pediam um salário de base de 1.400 F por 40 horas, uma « prime » mensal de 200 F e o abaixamento da idade da reforma aos 62 anos.

Graças à solidariedade dos outros

trabalhadores fizeram ceder o patrão: os estivadores recusaram-se a descarregar o cimento vindo do estrangeiro; os trabalhadores das fábricas de cimento estrangeiras recusaram-se a deixar partir o cimento destinado à França.

Uma das consequências da greve foi o desemprego técnico imposto a centenas de milhares de trabalhadores da construção civil (não se pode armazenar o cimento).

E claro que os patrões tentavam revoltar os trabalhadores da construção civil contra os grevistas. Mas afinal quem recusou durante

quase um mês qualquer negociação? Quem recusou em seguida qualquer compromisso com os sindicatos? Foram os patrões.

Os trabalhadores da construção civil sabem que a luta dos trabalhadores das fábricas de cimento pode ajudá-los a obter também melhores condições de vida. De qualquer modo, visto que são os patrões os responsáveis pelo desemprego técnico, não há nenhuma razão para que os trabalhadores da construção civil não sejam pagos integralmente durante o tempo que estiveram sem trabalho.

## CÂBLES DE LYON •GENNEVILLIERS

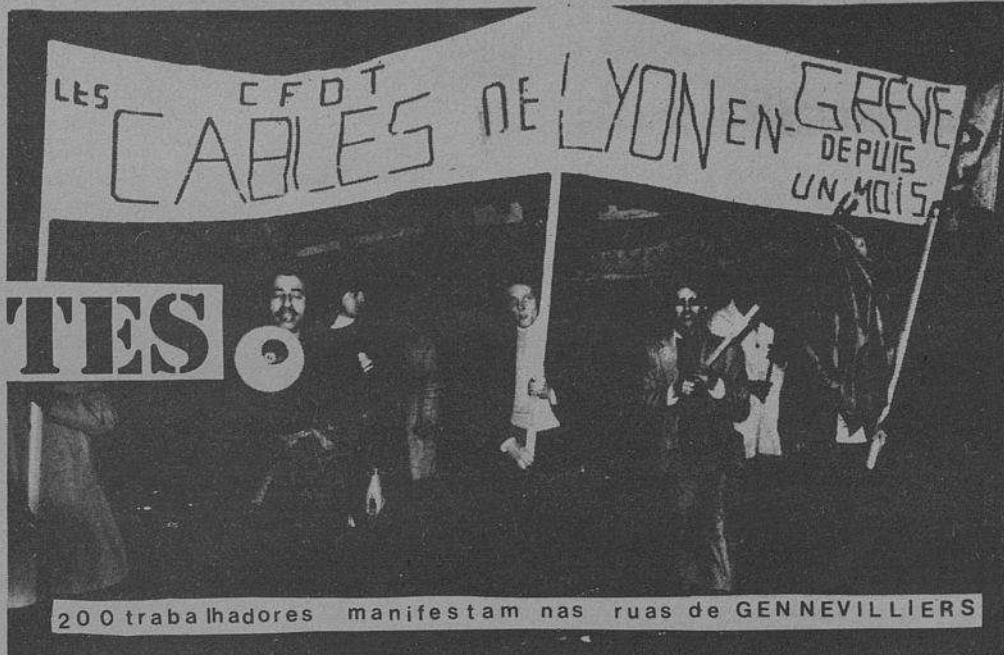
# 300 EMIGRANTES EM GREVE

Quarta-feira, 5 de Dezembro – Teve lugar hoje uma assembleia geral na cantina da fábrica « Câbles de Lyon » de Gennevilliers ocupada desde o dia 22 de Novembro por 300 trabalhadores emigrantes. Eles reclamam:

- a trabalho igual, salário igual
- o reconhecimento da secção sindical e dos delegados do pessoal
- todos os dias da greve pagos.

A C.F.D.T. é muito activa no seu apoio aos trabalhadores, tanto ao nível da fábrica como ao nível da região e das outras fábricas aí existentes.

No sábado, 1º de Dezembro teve lugar o julgamento em tribunal que ordenou aos grevistas a evacuação da fábrica. O tribunal



nomeou uma pessoa para servir de intermediário entre os grevistas e o patrão para abrir as negociações. Como a direcção da fábrica não se decidiu a abrir as negociações na data prevista, os trabalhadores decidiram retomar a ocupação da fábrica desde a terça-feira, dia 3.

Nesta assembleia geral foi votada a continuação da ocupação e por unanimidade evitar o confronto com a polícia, dado os problemas que isso acarretaria para os trabalhadores, devido à sua condição de emigrantes. Ficou ainda

decidido popularizar ao máximo a luta na região e para o efeito foram criadas equipas de propaganda.

### SALÁRIOS SEGUNDO A CARA DO CLIENTE

Nos « Câbles de Lyon », os salários são atribuídos segundo a cara do cliente. Por exemplo, para os OS 1, o salário varia entre 5,20 F e 5,89 F. Por 174 h ainda há salários inferiores a 1.000 F por mês. Muitas vezes o trabalho de um P1 é feito por um OS, que continua a ganhar o mesmo salário. As medidas de segurança não são respeitadas. Os trabalhadores que fazem os 3 x 8 não têm enfermaria nem tão pouco uma caixa para os primeiros socorros, a partir das 17 horas. Uma parte dos contramestres fazem de polícias dentro da fábrica e não escodem o seu racismo.

### UM MONOPÓLIO QUE EMPREGA 130.000 TRABALHADORES

O « Câbles de Lyon » de Gennevilliers emprega 400 trabalhadores e pertence a um grupo de 8 fábricas distribuídas por toda a França que fazem parte de um monopólio chamado C.G.E., conhecido pelos seus lucros e pelas lutas duras que os trabalhadores têm levado a cabo. Por exemplo : Joint Français, Delle-Alsthom...

## DYNAMIC EM GREVE

Na fábrica Dynamic, entre Corbeil e Mennecy, há 220 trabalhadores, homens e mulheres, franceses e emigrados. No dia 21 de Dezembro os trabalhadores faziam o 12º dia de greve ilimitada. Nem todos participavam : cerca de 50 continuavam a trabalhar, entre os quais os chefes.

A Dynamic foi criada há mais de um ano para fornecer peças de borracha para as grandes fábricas de montagem de automóveis. A greve ameaça directamente a fábrica de montagem Renault, a quem a Dynamic fornece juntas de borracha para os R16 : 8.000 operários são ameaçados de desemprego técnico.

As máquinas da Dynamic foram transferidas de Paris, trabalhando algumas há 40 anos e

Segue na pagina 4

## SOLIDARIEDADE

O JORNAL PORTUGUÊS apela mais uma vez para a solidariedade de todos os trabalhadores. A luta dos trabalhadores emigrantes dos « Câbles de Lyon » de Gennevilliers precisa do apoio de todos os outros trabalhadores.

Todos os donativos devem ser enviados com a menção

« SOLIDARIEDADE CÂBLES DE LYON »

Por outro lado, nós chamamos a atenção dos nossos leitores para o apelo que lançámos no último número do jornal em favor da família de Herculano da Silva Maria, morto num « acidente » de trabalho em Lagny, que continua aberto. Todos os donativos devem

ser enviados com a menção « COLECTA HERCULANO MARIA ».

Se bem que a ajuda material seja muito importante, a solidariedade entre trabalhadores pode manifestar-se de outras maneiras. Assim, por exemplo, todas as cartas que queiram enviar quer aos grevistas dos « Câbles de Lyon », quer à família de Herculano Maria, podem ser transmitidas ao JORNAL PORTUGUES que fará seguir.

Toda a correspondência ou dinheiro, devem ser endereçados ao

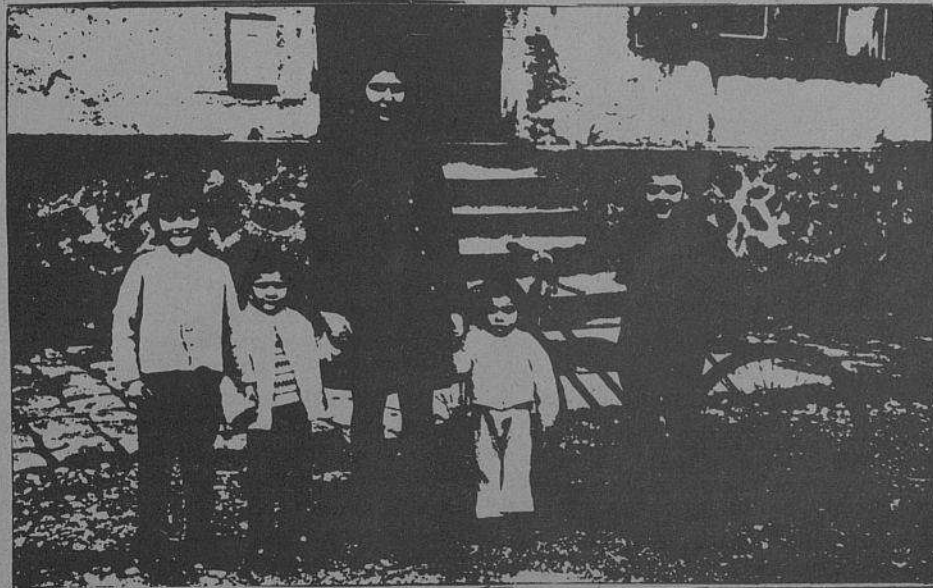
JORNAL PORTUGUÊS

Boîte Postale 52

75660 Paris Cedex 14

ou directamente para o

C.C.P. 30458 24 LA SOURCE



as instalações são péssimas. Quer dizer: de novo só existem as paredes. Não existe nem ventilação para aspirar a poeira, nem arejamento suficiente, nem máscaras. Os operários respiram dia após dia os odores dos produtos químicos. As visitas médicas são raras e não há enfermaria.

O trabalho é duríssimo. A aprendizagem consiste numa explicação rápida, seguida da exigência de rendimento normal de um operário experiente ou seja, 4 prensas para cada trabalhador, a cadência rápida. A duração do trabalho é de 45 a 46 horas e meia por semana, sendo o salário de base de cerca de 1.100 F e o pagamento feito sempre em atraso, pelo dia 10.

## A LUTA CONTINUA

Os operários da Dynamic, que já obtiveram alguns melhoramentos, continuam a luta na base das seguintes reivindicações:

- visita médica 3 vezes por ano
  - enfermaria obrigatória
  - mutuelle
  - 1 litro de leite por dia
  - aspiração das poeiras
  - máscara eficaz para a preparação da borracha
  - melhor segurança nos cilindros
  - 1 operário suplementar no cilindro e na mistura
  - botas de segurança
  - distribuição de bebidas em cada secção
  - aumento igual para todos
  - 13º mês
  - prémio de férias
  - prémio de regularidade mantido em caso de atraso
  - qualificação para todos os operários
  - ordenado mensal ao fim de um ano
  - salário mínimo garantido na química: 1.400 F
  - meia hora de « bucha » paga à taxa normal
  - trabalho em equipa semanal em vez de quinzenal.
- Foi formado um comité de apoio que procede à popularização da luta e à recolha de fundos. O comité de greve dos operários da Dynamic, que já criou as comissões de informação, financeira, vigilância da fábrica, reabastecimento e creche, decidiu estabelecer um programa de acção comum com o « comité de soutien ». Segundo este programa, toda a acção do comité de apoio é colocada sob a direcção dos operários em greve e a Assembleia Geral dos grevistas tem o poder de decisão para todas as acções futuras. A recusa do patronato em atender as reivindicações e a introdução de polícia na fábrica para impedir a entrada dos grevistas, não impediu que a luta avançasse. Ao contrário, no dia 20 de Dezembro, os dois últimos operários que trabalhavam na secção de mistura, o centro da produção da fábrica, decidiram juntar-se à greve.



## O ATENTADO DE MARSELHA E AS MANIFESTAÇÕES CONTRA O RACISMO

Mais um crime racista dirigido contra o trabalhadores emigrados. Desta vez, os racistas colocaram uma bomba no consulado da Argélia em Marselha fazendo 4 mortos e 56 feridos, alguns dos quais em estado muito grave.

O dia 14 de Dezembro foi um dia de luto e de cólera para todos os trabalhadores. Uma vez mais, os bandos fascistas e racistas agrediam cobardemente os nossos irmãos arabes emigrados em França.

Logo após o atentado realizaram-se em toda a França manifestações e greves para denunciarem este crime racista e a passividade das autoridades que se têm mostrado impotentes para proteger a vida dos trabalhadores emigrantes.

No sábado, dia 15, foram organizadas duas manifestações em Marselha que agruparam milhares de trabalhadores. No domingo, o cortejo com os corpos dos 4 trabalhadores argelinos foi seguido até ao aeroporto de Marselha por cerca de 15.000 pessoas aos gritos: « Abaixo os racistas! » Quando o



avião aterrou em Alger, os corpos dos 4 trabalhadores eram aguardados por cerca de 500.000 compatriotas. Na segunda-feira, 17 de Dezembro, foi observado um minuto de silêncio na capital argelina, enquanto que o MTA (Movimento dos Trabalhadores Arabes) declarava no sul da França uma greve de 24 horas que foi muito seguida por todo o lado onde havia trabalhadores emigrantes.

No dia 19, a população francesa que trabalha na Argélia, manifestou-se nas ruas de Alger contra o racismo. Mais de 1.000 trabalhadores franceses denunciaram na rua o racismo e a passividade das autoridades francesas.

Em Paris houve várias manifestações. A mais importante foi a do dia 17 de Dezembro que reuniu cerca de 10.000 pessoas. As outras manifestações tiveram lugar na sexta, dia 21 e no sábado, dia 22. O MTA, declarou na sexta-feira, dia 21, uma greve de 24 horas na região parisiense que foi igualmente muito seguida. No decorrer de toda a semana logo após o atentado, houve manifestações anti-racistas e greves em toda a França, particularmente em Grenoble, Bordéus, Toulouse, etc.

Hoje, foram mais 4 trabalhadores argelinos que caíram vítimas do racismo, no passado muitos outros e de todas as nacionalidades. O racismo é uma arma por vezes mortal, que a burguesia emprega para dividir os trabalhadores emigrantes e os trabalhadores franceses. A luta contra o racismo diz respeito a todos os trabalhadores.

# PREBLOC

## UMA GREVE EXEMPLAR

Prebloc é uma fábrica de materiais para a construção situada no porto de Gennevilliers. Nesta fábrica os operários imigrados levaram a cabo uma greve exemplar. Pagos a 5,20 F à hora, trabalhando 12 horas por dia, em média, a levantar blocos de cimento e de betão durante um dia inteiro, os operários estavam fartos... e decidiram fazer greve.

## ENCONTRO COM OS OPERÁRIOS DA MARGOLINE

As razões da greve são fáceis de compreender: não havia qualquer classificação estabelecida para os trabalhadores, algumas dezenas de portugueses e arabes, estando alguns como « manoeuvres » há 10 anos. Além disso, vivem na fábrica, amontoados a 8 em quartos minúsculos, sem casa de banho, sem duche (para se lavarem com água fria, os operários tinham fabricado um duche com um barril, um tubo e uma lata de conserva com furos).

Na véspera da greve anti-racista decretada pelo Movimento dos Trabalhadores Arabes (M.T.A.), os operários da Margoline encontraram os da Prebloc nas reuniões das comissões operários do M.T.A. Foi graças à experiência da luta dos trabalhadores da Margoline que a greve se pôde organizar.

## UM OPERÁRIO DA PREBLOC CONTA

« Numa segunda-feira trabalhamos até ao meio-dia, depois um de nós disse: « Não se pode trabalhar nestas condições, é proibido pela lei ». Então começamos a greve.

Antes tínhamos pedido 10% de aumento. O patrão respondeu-nos que a nossa reivindicação era impossível, que a lei não o permitia em França, que nos aumentava de 5%... Discutimos sobre as palavras do patrão, sobre a greve e, no dia 5 de Novembro, decidimos pedir-lhe 20% de aumento. O patrão respondeu: « Aquele que não aceitar 5%, eu dou a conta ». E nós dissemos: « Se quiseres, dá-nos a conta já ».

## A LEI? QUAL LEI? ...

Começada a greve, os operários da Prebloc, juntamente com trabalhadores que foram vê-los, escreveram as reivindicações seguintes: fatos de trabalho e botas; duche; pintura e limpeza do alojamento na fábrica; classificação para todos. Apresentaram-nas ao patrão que aceitou tudo, mas apenas 7,5% dos 20% que tinham exigido. Os operários recusaram, continuando a greve. No 3º dia de greve aceitou mais 5%, mas só a partir do dia 1 de Janeiro. Os operários exigiram a partir daquele momento. No 5º dia de greve o patrão cedeu. Com a classificação, o aumento variava entre 17,5% a 25%.

Quando o patrão se recusou a pagar os dias de greve, os operários responderam-lhe que continuariam a greve. Então, ele pagou metade.

(Gostariamos de saber de que lei falava o patrão da Prebloc. Vocês sabem? Nós também não...).



RAMIRO E FERNANDO GOMES CARNEIRO

# Villeneuve-St.-Geoges A MISERIA DAS CONDIÇÕES DE ALOJAMENTO: DOIS JOVENS PORTUGUESES MORREM ASFIXIADOS

Todos os anos, pelo Inverno, se repetem os mesmos dramas nos alojamentos defeituosos. Incêndios de barracas, mortes por asfixia ou intoxicação, crianças queimadas pelos aparelhos de aquecimento defeituosos, etc. Todos os anos, as vítimas são sempre as mesmas: os trabalhadores e particularmente os trabalhadores emigrantes. Porquê? Porque são estes que sofrem mais directamente a miséria do alojamento que existe em França. São os trabalhadores emigrantes que habitam nas piores condições, tanto nas barracas, como nos « hotéis » ou « foyers », como ainda nos quartos onde não existe, na maior parte dos casos, o mínimo de condições higiénicas de conforto e de segurança.

Aproveitando-se das condições difíceis de vida e das dificuldades em se alojar, existe toda uma série de indivíduos sem escrúpulos que fazem fortunas com as necessidades vitais de sono e de repouso dos trabalhadores emigrantes. Transformam antigas fábricas abandonadas em foyers, pequenos pavilhões em dormitórios, compram pequenos prédios em ruína destinados mais tarde ou mais cedo à demolição onde metem 3 ou 4 por quarto a preços exorbitantes. Por vezes escondem toda esta actividade ilegal e criminoso sob a capa de « ajuda humanitária » aos emigrantes e conseguem mesmo receber ajudas dos fundos da assistência social. Trata-se de uma autêntica mafia do alojamento!

## CONSTRUIMOS PREDIOS . . . MAS PARA OS OUTROS !

No meio disto tudo, o trabalhador emigrante não tem escolha: ou aceita um alojamento nestas condições ou é obrigado a dormir na rua. Se bem que passe a sua vida, na emigração, a construir prédios, a dar origem a novas cidades, o trabalhador emigrante quando volta do trabalho vive nos bairros de lata, nos quartos insalubres, nos dormitórios que mais parecem casernas. Os prédios que constrói são para os outros. No entanto não faltam os alojamentos vazios. Contam-se por dezenas de milhares os apartamentos a alugar na região parisiense que não encontram locatários. Porquê? Porque os alugueres não são para a bolsa do trabalhador. Porque são na maioria, apartamentos de luxo para alugar aqueles que vivem do suor do trabalho dos outros. Quando um trabalhador faz um pedido para um alojamento num HLM (alojamentos a rendas moderadas) espera na bicha anos e anos até ter uma resposta, se é que a tem um dia... Quando se trata dum trabalhador emigrante, então ainda é pior, porque nos HLM só são admitidos até atingirem uma certa percentagem de estrangeiros. Entretanto, fica à mercê dos traficantes do sono, que lhes alugam um quarto ou uma cama pior que uma pocilga e onde um dia se pode deitar para nunca mais acordar...

## MORRER AOS VINTE ANOS. . .

Foi o que aconteceu no passado dia 5 de Dezembro aos dois irmãos Ramiro e Fernando Gomes Carneiro de 20 e 19 anos de idade respectivamente. Estes dois jovens trabalhadores portugueses morreram asfixiados na noite de terça para quarta-feira no seu quarto no 50, rue de Paris em Villeneuve St. Georges (Val de Marne).

Os corpos só foram descobertos cinco dias mais tarde, no dia 9 de Dezembro, quando um outro irmão inquieto veio à sua procura. O Ramiro estava em França há quatro anos e trabalhava como OS nos Ateliers Siccardi de Villeneuve-le-Roi. O Fernando tinha emigrado há dois meses para fugir à tropa e tinha começado a trabalhar na Renault em Villeneuve Triage apenas dois dias antes de morrer.

Eram naturais de Lourosa, distrito do Porto, e dos oito irmãos, cinco encontravam-se em França.

## UM AQUECEDOR DO TEMPO DE GUERRA DE 14 . . .

O amontoado de casotas que se encontra no 50 da rue de Paris é um exemplo típico da miséria do alojamento e das péssimas condições de existência das classes trabalhadoras.

Entra-se por uma viela estreita que conduz a um pátio interior, por detrás dos prédios que dão para a rua. Aí se encontram uma série de alojamentos encostados uns aos outros. Tudo é velho e podre. Os muros são

bombados, a cal deixa ver a madeira e os tijolos, as escadas em madeira que conduzem aos andares são a pique e escorregadias, as instalações eléctricas velhíssimas.

Os proprietários vivem na Normandia... com os lucros que recebem das 10 famílias, na sua maioria francesas, que habitam estas casotas.

Os irmãos Carneiro habitavam um pequeno quarto « mobilado » num primeiro andar, ao fundo do pátio, que alugavam por 150 F mensais.

« Em dias de chuva, a água entrava pela chaminé do aquecimento e sujava o chão, as paredes... Tudo ficava negro com o carvão », diz-nos um dos amigos das vítimas. Um vizinho declara: « O aparelho de aquecimento a carvão que eles tinham dentro do quarto era do tempo da guerra de 14... Uma peça de museu era o que era! E não é o único, os outros quartos é a mesma coisa. O meu, por exemplo, tenho-o lá para um canto. Ah! mais tarde ou mais cedo tinha de acontecer uma desgraça destas ».

## ASFIXIADOS PELO GAZ CARBONO

Logo que os corpos foram descobertos, a polícia iniciou um inquerito para determinar as razões da morte. Se bem que os resultados ainda não sejam conhecidos, não deixa dúvidas que o Ramiro e o Fernando morreram asfixiados e intoxicados pelo gaz carbónico que vinha do aparelho de aquecimento a carvão, que funcionava em más condições.

« Repare para a chaminé, diz-nos um outro jovem trabalhador também vizinho, ela não tem o capuz como as outras. Ora nessa noite choveu um bom bocado. A água deve ter entrado, como de costume, pela chaminé e foi apagando o fogo, ao mesmo tempo que o quarto se enchia de fumo e de gaz tóxico. Tanto mais não haver tiragem por a instalação estar cheia de fendas.

## OS CULPADOS SAO SEMPRE OS MESMOS

« Sabe, os proprietários habitam longe e depois eles nunca se preocuparam muito em saber se isto anda bem ou mal... A gente cá se arranja como pode... Eles tinham comprado isto no tempo em que o proprietário trabalhava numa agência de imobiliário... está a ver? Aliás isto é tão velho que deve ser demolido em 1980. Mas daqui até lá, quem sabe se volta a haver outra desgraça... » E esta vizinha francesa, acrescenta ainda:

« A morte dos dois irmãos foi um grande choque para todos nós. Eram dois rapazes muito estimados pelos vizinhos e nas redondezas. Desgraças como estas acontecem sempre aos mesmos e os culpados também são sempre os mesmos ».

## A SOLIDARIEDADE ORGANIZA-SE

Os amigos, os vizinhos e os comerciantes da rua logo que souberam da morte dos dois irmãos organizaram uma colecta que rendeu 300 F. Com este dinheiro, ofereceram à família uma placa para colocar sobre a campa com a seguinte inscrição: « LES VOISINS ET AMIS » (« Os vizinhos e os amigos »).



« E o mínimo que a gente pode fazer. Entre trabalhadores quer sejam franceses ou não, devemos ajudarmo-nos mutuamente », diz um dos organizadores da colecta.

Nos ateliers Siccardi, os colegas de trabalho do Ramiro organizaram igualmente uma colecta em toda a fábrica. Um grupo de jovens portugueses de Villeneuve St. Georges está a cotizar-se para arranjar dinheiro suficiente e poder oferecer aos corpos dos dois amigos o terreno para uma campa no cemitério da sua terra natal. Entretanto os caixões seguiram para Portugal no passado dia 17 e a família teve que pagar à agência funerária 10.400 F.

« A justiça tem de ser feita e os responsáveis devem pagar pelo seu crime! », concluiu um dos amigos das vítimas.

# LORETE FONSECA

de novo ameaçada  
de expulsão



LORETE E CARLOS FONSECA NO BIDONVILLE DE MASSY

Há dois anos Lorete Fonseca, portuguesa mãe de 5 filhos, residente em Massy (Essonne) foi objecto de uma medida de expulsão da parte do Ministério do Interior, porque « não respeitava a estrita neutralidade política que devem observar em França os emigrados ».

## UMA LUTA EXEMPLAR

Na altura o chefe do governo (Chaban-Delmas) lançava uma operação para acabar com os bidonvilles... Em Massy habitavam mais de mil emigrados, portugueses e árabes, concentrados em três bidonvilles. Em Massy como em outros bidonvilles, uma das primeiras consequências dessa operação resumia-se a toda uma série de ameaças: « se não vais embora do bidonville não te renovamos a carta de « séjour », vamos demolir a tua barraca », etc., ameaças encabeçadas por certos elementos da « Mairie » e da Prefeitura. Ora não havia uma política aceitável de realojamento, e as pessoas dos bidonvilles não estavam para pagar as rendas caras que lhes propunham. Lorete que desde 1969 ajudava os portugueses do bidonville dando informações sobre os papéis e nas relações com a « Mairie » e a Prefeitura, participa então activamente nas lutas dos emigrados no direito a alojamentos decentes e oposição à demolição das barracas. Para o governo tal era fazer política... e Lorete corria o risco de expulsão de França, passando em conselho de expulsão, assim lhe foi dito na Prefeitura de Essonne-Massy.

Uma larga mobilização de emigrados e de franceses animados por um comité de apoio foi a resposta a essa medida de expulsão. Houve cartazes, folhetos, manifestações... O ministro do Interior recuou e cedeu: Lorete obteve um adiamento de 2 anos — carta especial de « séjour » a renovar todos os 6 meses.

## NÃO ÀS EXPULSÕES !

No dia 26 de Novembro o período de 2 anos acabava e Lorete corria de novo o risco de expulsão. Na Prefeitura foi-lhe dito que não lhe podiam renovar os papéis... De novo o Comité de Apoio a Lorete Fonseca se mobilizou e Lorete acabou por conseguir mais um adiamento de 1 ano para a sua carta de « séjour ». Quer dizer que nada ainda está resolvido, mas esta luta dá-nos o exemplo de como os trabalhadores emigrados, em risco de expulsão, se podem defender. Neste momento há mais de 160 emigrados nesta situação, como, por exemplo Filipe Amorim tal como noticiámos no último número do jornal. O Comité de Apoio proclama:

- Não à expulsão de Lorete Fonseca;
- Acabemos com o isolamento dos trabalhadores ameaçados de expulsão;
- Direito aos emigrados de reivindicar e organizar-se na defesa dos seus interesses de existência e de trabalho;
- Igualdade de direitos para todos os trabalhadores;
- Não às expulsões.

# A QUESTÃO

Desde há algum tempo que os países capitalistas estão em crise. Sábios e doutores disputam-se para descobrir o remédio miraculoso capaz de curar este mal. Enquanto esperamos, somos nós os trabalhadores que sofremos as consequências: os preços aumentam todos os dias, os salários valem cada vez menos. Nem sequer temos a certeza de continuar a encontrar trabalho.

De tempos a tempos há um ministro que faz promessas: « nós vamos vigiar os preços, eles não aumentarão mais » ou então « não há perigo de desemprego ».

Mas como poderemos nós acreditar nisto, num país onde a livre concorrência leva os grandes comerciantes a estarem interessados em armazenar os produtos para poderem aumentar os preços?

Como podemos acreditar num país onde se põem na rua os trabalhadores, não porque eles não servem para nada, mas porque não dão lucro ao patrão?

Todas estas belas palavras do governo não chegam para esconder as graves dificuldades da economia.

— Os preços aumentam rapidamente (mais de 10 % por ano)

— A produção aumenta menos ou diminui

— Os patrões e o governo são incapazes de encontrar a solução para estes problemas. A situação é parecida noutros países capitalistas e agrava-se cada vez mais. E precisamente numa tal situação que os países que fornecem o petróleo decidem limitar os fornecimentos. Porquê?

Quais são as consequências?

## A PILHAGEM DAS MATÉRIAS PRIMAS

Os países árabes reduziram o fornecimento de petróleo à Europa para apoiar o povo palestino (cf. Jornal Português nºs 3-4). Porque é que eles escolheram este meio em vez de outro? Sem dúvida porque é eficaz. Mas também porque é um símbolo: é o melhor exemplo dos métodos utilizados pelas grandes potências capitalistas para se apropriarem da riqueza dos outros países.

Até hoje, quando se descobria petróleo num país, as grandes companhias (Shell, Esso, etc.) pediam ao governo desse país para explorarem os jazigos de petróleo: eles tinham o direito de o fazer como muito bem queriam. Em troca, elas pagavam uma certa quantia pelo petróleo extraído. O preço era muito baixo em relação aos benefícios realizados: um litro de gasolina vendida em França a 1,35 F dá de lucro à volta de 0,10 F ao país de origem.

Ainda por cima esse petróleo era pago em « Euro-Dollars » moeda não utilizada no desenvolvimento dos países produtores, pois com ela não podem senão comprar carros de luxo ou armas...

A esse preço as companhias petrolíferas não se incomodavam; tiravam enormes quantidades de petróleo do subsolo dos países produtores de tal forma que hoje as reservas se esgotam. Dentro de vinte anos (alguns dizem menos) não haverá mais petróleo.

# DO PETROLEO E A EMIGRAÇÃO

Nestas condições compreende-se que os países árabes não deixem sair o petróleo tão

facilmente. Que farão eles quando já não houver mais, se eles não têm dinheiro suficiente para construir os equipamentos que lhes darão de que viver?

## O AGRAVAMENTO DA CRISE EM FRANÇA

Um país como a França consome muita energia: carros, fábricas, aparelhos electro-domésticos, aquecimento, etc.

Donde vem esta energia? No século passado era o carvão que permitia produzir toda a energia utilizada: ele era utilizado em bruto ou transformado em gaz ou electricidade. Mas o carvão não era cómodo de utilizar: difícil de extrair, rapidamente se tornou raro e não podia cobrir as necessidades da economia. Pouco a pouco foi substituído pela electricidade hidráulica (barragens), depois o petróleo: gasolina, fuel, centrais eléctricas a fuel, motores diesel, etc. Hoje 65 % da energia consumida em França vem do petróleo.

A França não produz petróleo. O petróleo consumido vem do estrangeiro, sobretudo dos países árabes.

Apesar de esses países considerarem a França como « um país amigo » e terem reduzido muito pouco o fornecimento, a França arrisca-se a ter falta de petróleo. Com efeito o petróleo não é produto de troca entre países mas sim entre país e companhia. Isto quer dizer que é difícil para um país árabe reduzir os fornecimentos para um país e não reduzir para outro, pois que as companhias petrolíferas são as mesmas para todos os países (as companhias francesas são muito pequenas em relação às necessidades da França). E mesmo que isto seja possível como poderemos controlar que as companhias não enviem o petróleo destinado à França para outros países?

Ainda por cima o petróleo não só serve como fonte de energia como também de produto de base da indústria química: matérias plásticas, matérias sintéticas (nylon) são fabricadas a partir do petróleo. Estas matérias não são todas produzidas em França. Os países que as fabricam como não têm petróleo não distribuem. Algumas fábricas não podem funcionar porque lhes falta um derivado do petróleo. Enfim, o preço do petróleo tem tendência a aumentar quando há menos petróleo. Isto quer dizer que o preço da energia vai aumentar, mesmo aquela que não tem nada a ver com o petróleo, pois passa a ser mais procurada: o gaz aumenta de 20 %. Isto também quer dizer que todos os preços vão aumentar porque cada objecto fabricado precisa de energia (produção, transporte). Estas três consequências da crise petrolífera (menos energia, falta de certos produtos e aumento dos preços ainda mais rápido) são ainda mais pesadas para a França dado que o país atravessa já uma crise. Desemprego e inflação vão agravar-se tanto mais que o caso do petróleo é para os patrões um maravilhoso meio de impôr medidas difíceis

de aceitar pelos trabalhadores. Citroen já se encontrava em dificuldades e aproveitava-se da crise para reduzir os horários.

Todos os trabalhadores são tocados por estes problemas: para os patrões a solução é diminuir a produção e aumentar os preços de revenda.

Diminuir a produção é pôr os trabalhadores no desemprego e isto acontece em todos os sectores e para todos os trabalhadores. Reduzir os preços de venda quer dizer baixar os salários ou então aumentar os preços o que vem a dar ao mesmo.

Para poder fazer passar essas medidas vão experimentar dividir os trabalhadores, e antes de todos os trabalhadores franceses os emigrados.

## emigrar não é solução

Emigrar nunca foi uma solução para os trabalhadores. Emigramos porque éramos precisos noutras regiões do Mundo.

Se estamos em França foi porque nos quiseram cá e porque os capitalistas, na nossa terra, onde não tínhamos trabalho, nos obrigaram a emigrar para assim poderem beneficiar do produto do nosso trabalho no estrangeiro.

O dinheiro que aqui poupamos, vai-lhes ter às mãos sem esforço nenhum.

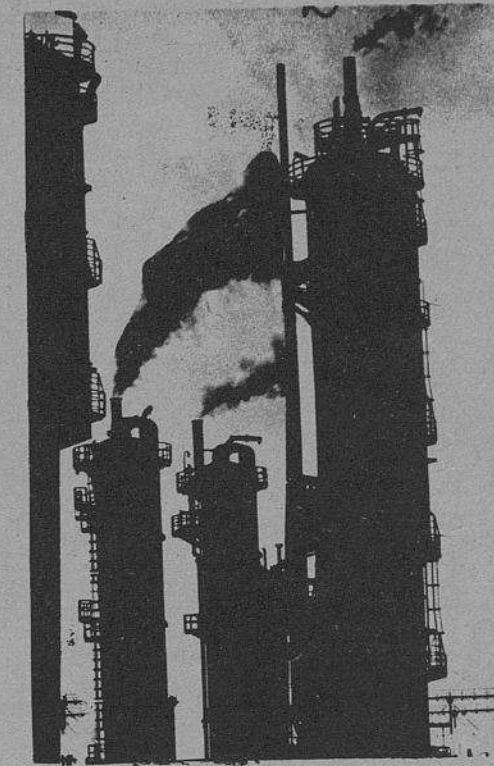
Por isso, quando dizemos que fomos vendidos como escravos é porque é verdade. Tão verdade que esses bandidos que governam o nosso país nos mandaram os seus Bancos para França e ficam muito contentes com o dinheiro que mandámos às nossas famílias, pois este dinheiro vai-lhes ter às mãos. Que seria dos pais de muitos de nós se não lhe enviássemos um pouco para poderem viver? Moririam de fome e frio, a pedir esmola. Pois que reforma não há e quando a há, não dá para a renda da casa. Também nunca se preocuparam connosco pois que nunca foram capazes de reclamar ao governo francês melhores condições de vida para os trabalhadores portugueses, ou ainda, quando um trabalhador é assassinado pelos racistas, o governo português cala-se e deixa cobardemente os trabalhadores portugueses entregues à sua sorte.

Mas o tempo passa e os capitalistas mudam de ideias, sempre para poderem explorar cada vez mais os trabalhadores.

## PARTIR PARA ONDE ?

Em França, os patrões dizem que metade da emigração está a mais. Dos três milhões que nós somos um milhão e meio deve partir.

Partir para onde? Angola? Moçambique? Somos bonecos ou homens!? Há muito tempo que os patrões preparam este golpe. Antes da crise do petróleo já os seus lacaios racistas e facistas gritavam fora com os emigrantes e assassinaram trabalhadores árabes e portugueses para ajudar a sua campanha contra a emigração. Os trabalhadores árabes emigrados responderam com uma série de greves por toda a França. Também o « Force Ouvrière » pela voz de



Bergeron, seu chefe de fila, se insurge contra os emigrantes unindo-se aos patrões e aos facistas racistas. E culpa do petróleo? Não! Antes da crise do petróleo já eles diziam: « rua! ».

Os capitalistas dizem que a culpa é dos árabes.

O que eles querem é dividir os trabalhadores. Assim, se nós trabalhadores sabemos muito bem que os árabes que estão em França, emigrantes como nós, sofrem a mesma exploração capitalista, e que é unindo-nos a eles e a todos os outros trabalhadores que nós podemos exigir o direito ao trabalho, exigir o respeito ao direito ao « chômage » (fundo de desemprego), pois pagamos para isso, direito à segurança social e todos os outros subsídios a que os trabalhadores têm direito. Todas estas vantagens são o produto de muitos anos de luta de todos os trabalhadores.

## LUTAR LADO A LADO

O nosso dever é de nos unir aos camaradas franceses e emigrantes de todas as nacionalidades e de lutar com eles, contra o desemprego, por um salário decente, por melhores condições de vida.

Se abandonamos a luta, se nos deixamos expulsar, devemos contar com a diabólica imaginação dos capitalistas portugueses que já há muito pensam enviar-nos para Africa. Ora se não foi em França que resolvemos os nossos problemas não será na Africa que eles se resolvem. Se eles pensam mandar-nos para Moçambique ou Angola é para nos pôrem ao serviço dos seus interesses para nos explorarem e por nosso intermédio explorarem e assassinar muitos irmãos africanos que lutam pela liberdade e pela independência.

Os povos das colónias lutam pela independência, os trabalhadores franceses lutam pelo socialismo — é dever dos emigrantes unir a sua luta à dos outros povos.

Em Portugal ou em França, o mesmo patrão, o mesmo combate.

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA PARA 12 NUMEROS

	NORMAL	DE APOIO
Portugal	90 \$ 00	150 \$ 00
França	14 Frs	30 Frs
Alemanha	10 Marcos	15 Marcos
Holanda	16 Florins	20 Florins
Bélgica	180 F.B.	300 F.B.
Luxembourg	180 F.B.	300 F.B.

escrever para :

« JORNAL PORTUGUÊS »

DIRECTOR ROBERT DAVEZIES BOITE POSTAL  
Nº 52 - 75660 PARIS CEDEX 14 - C C POSTAL  
3045824 LA SOURCE - PARIS

DESEJO FAZER UMA ASSINATURA DE 12 NUMEROS  
NORMAL DE APOIO

Nome .....  
Morada .....

# PORTUGAL E O IMPERIALISMO

## A ITT

O grupo ITT tem-se mostrado muito interessado pelas riquezas dos Açores. Segundo os jornais portugueses, no começo do ano passado, o grupo solicitou do governo português facilidades para instalar nas ilhas Terceira, S. Miguel, Faial ou Pico uma indústria de processamento (cultivo de pastagem e criação de gado). O grupo tencionaria investir nos próximos 5 anos 500 mil contos no projecto.

Se este projecto for para a frente, ITT passará a ser uma das maiores empresas em Portugal.

A ITT E AS TENTATIVAS DE GOLPE DE ESTADO NO CHILE

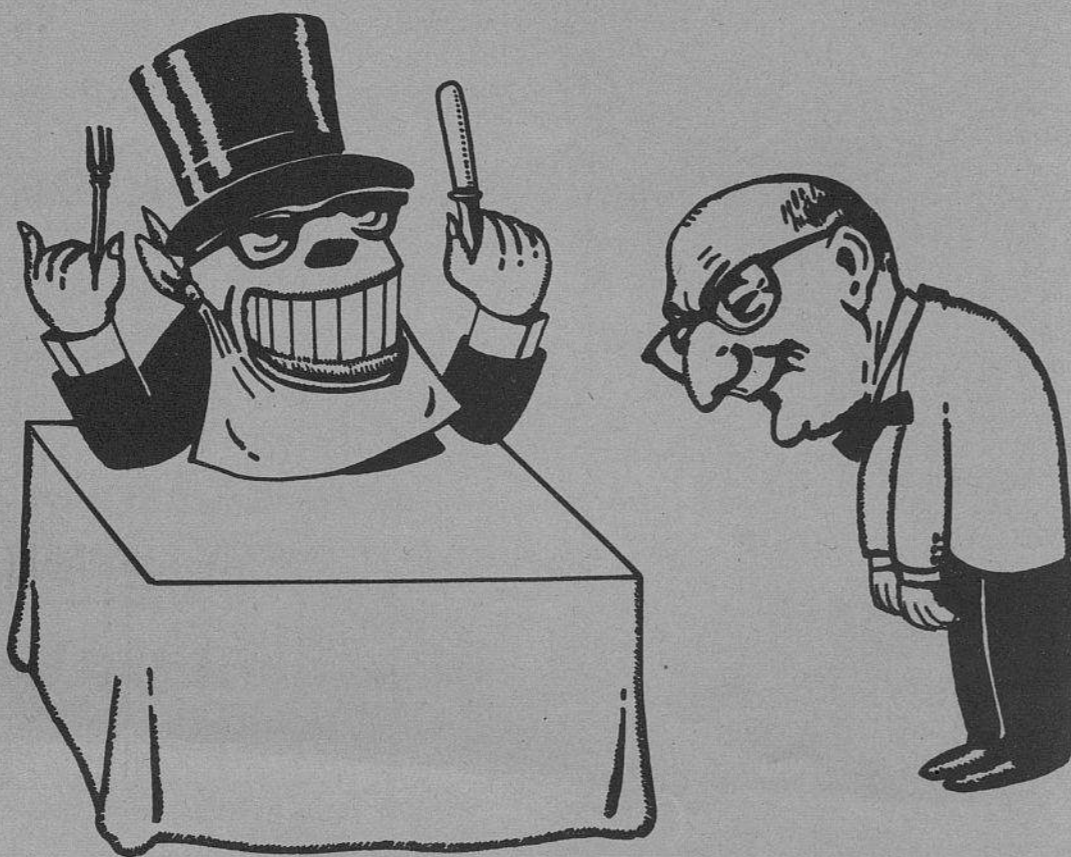
Tem-se falado muito da ITT (International Telephone and Telegraph). Sobretudo desde que o jornalista americano Jack Anderson revelou como este grupo tentou impedir que Salvador Allende chegasse ao poder no Chile, e mais tarde como tentou organizar um golpe de estado. Para a ITT tratava-se de salvar os 200 milhões de dolares investidos no Chile, na companhia de telefones, nos 2 hotéis Sheraton e numa fábrica de aparelhos electrónicos. O plano de sabotagens e de golpe de estado teria o apoio da CIA (organização americana de espionagem que tem estado implicada em todos os golpes de estado contra-revolucionários no mundo) e da embaixada dos Estados Unidos no Chile. O plano previa entre outras coisas, o seguinte:

- criar um clima de provocações e violências propícias à intervenção do exército;
- sabotagem da economia;
- financiamento de jornais e jornalistas de direita;
- criar um clima internacional de pânico;
- financiamento de todas as operações que combatessem o regime de Allende, entre as quais a corrupção de funcionários.

ITT : 433 EMPRESAS E 550.000 ASSALARIADOS !

Contrariamente ao que se possa pensar a ITT não é sómente uma empresa que se ocupa de telefones e telegramas. A ITT é uma empresa multinacional, isto é, uma casa que foi crescendo em torno da casa-mãe e foi estendendo as suas actividades ao mundo inteiro. Ela tem actividades em 80 países. Nos Estados Unidos onde nasceu so realiza metade dos lucros, o resto é feito nos outros países. E a 8ª companhia americana e o 9º grupo industrial mundial. Regrupa 433 empresas e emprega cerca de 550.000 assalariados.

As suas actividades principais são as telecomunicações (companhias de telefone, cabos transatlânticos, radares, material electrónico), mas também: hotelaria



(Sheraton), aluguer de automóveis (Avis), parkings (Airport Parking of America), conservas (Continental Baking), construção civil (Levitt & Sons), seguros (Hartford Fire Insurance), etc.

Em França a ITT possui várias empresas como por exemplo a Avis (automóveis de aluguer), Claude (fábricas de lâmpadas), Oceanic (Televisão e Rádios) e sobretudo a LMT (Le Matériel Téléphonique) que entre outros artigos, fabricou os radares utilizados pelo exército americano no Vietnam...

ITT EM PORTUGAL : 181.833 CONTOS DE LUCROS !

A editora AFRONTAMENTO publicou em Portugal no mês de Abril o texto completo das revelações de Jack Anderson. Na introdução, o editor menciona as empresas que a ITT controla em Portugal. São as seguintes: Standard Electric, Imprimante (publicações de listas telefónicas), Rabor, Hotéis Sheraton de Portugal, Oliva Comercial, Oliva Industrias Metalurgicas, Oliva de Angola, Oliva de Moçambique. O capital social destas empresas faz um total de 461.700 contos que apresentaram em 1971 lucros no valor de 181.833 contos !

A devisa das sociedades multinacionais é: « o que é bom para nós, é bom para o mundo inteiro ».

O objectivo da ITT, como o das outras sociedades multinacionais, é estender os seus tentáculos a todas as partes do mundo onde possam fazer lucros fabulosos com as riquezas do país e o suor dos trabalhadores.

## PORTAS ABERTAS AOS CAPITALISTAS ESTRANGEIROS

Os homens de negócios estrangeiros chegam às carradas a Portugal. Há bons negócios para tratar com um regime que abre as portas de par em par aos investimentos estrangeiros. A generosidade com que o regime de Caetano acolhe os capitalistas estrangeiros ávidos de lucros, garante a certeza de bons lucros sobre todo o investimento. Assim, vejamos a título de exemplo como a participação estrangeira no capital privado investido nestes últimos anos em Portugal, está repartida: Em 1961: 1%, em 1965: 20% e em 1969: 66%...

O governo fascista português vende o país aos retalhos aos capitalistas estrangeiros e tem a pouca vergonha de o dizer publicamente:

« Portugal oferece ao promotor estrangeiro condições naturais e legais particularmente favoráveis.

Eis algumas dessas vantagens: abundância relativa de mão-de-obra facilmente adaptável às técnicas modernas de fabricação; inexistência de greves e de lock-out; um sistema fiscal que é dos mais favoráveis da Europa; um imposto sobre os lucros que é dos mais baixos da Europa; importação e exportação de capitais livres; isenção de impostos sobre a indústria e o comércio; isenção das taxas de importação sobre os bens de equipamento não produzidos no país; redução ou isenção das taxas de importação sobre as matérias primas não produzidas no mercado interno. » (Dr. Pereira Magro, « L'Européen », n° 121 de 1972).

« O carácter liberal da política portuguesa no que diz respeito aos capitais estrangeiros, garante a transferência completa e ilimitado dos interesses, dos dividendos e do capital investido, assim como as mais-valias obtidas » (Xavier Pintado, ex-secretário de estado, « L'Européen », n° 102 de 1969).

« Em Portugal, existe cerca de 600 empresas nas quais o capital é na maior parte de origem estrangeira. Cerca de 1/3 é capital britânico e 1/6 capital alemão » (Calvet de Magalhães, ex-Alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, « L'Européen », n° 102 de 1969).

« Muito recentemente, certos investimentos foram efectuados no nosso país para tirar partido de uma mão-de-obra relativamente abundante e barata, mão-de-obra essa que é rara e cara nos países industriais. » (Rogério Martins, ex-secretário de Estado da Indústria).



## CAETANO E NIXON NOS AÇORES AGRADECIMENTOS DO IMPERIALISMO AO GOVERNO DE CAETANO

No dia 17 de Dezembro, Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano, vindo directamente de Israel, fez uma visita oficial a Portugal, com o fim, entre outros, de agradecer ao governo fascista português a ajuda que este lhe prestou na guerra de Outubro no Médio Oriente.

Portugal foi o único, entre os países membros da NATO, a permitir o reabastecimento dos aparelhos americanos com destino a Israel. A base das Lajes, nos Açores, serviu de base de apoio aos fornecimentos de armamento ao Sionismo. A utilização da base dos Açores pelos aviões de transporte militar americanos « GALAXY », que transportam 120 toneladas de armamento num raio de 5000 km, foi um factor decisivo na política agressiva e expansionista dos sionistas, contra a soberania dos Estados árabes e de recusa de reconhecimento do Estado da Palestina (v. Jornal Português n° 3/4).

De acordo com a política de cooperação entre os governos agressores e criminosos, prevê-se que Caetano reforce os seus laços de amizade com o imperialismo americano, renovando o acordo sobre a utilização da base das Lajes, cujo prazo expira no próximo 4 de Fevereiro. Tirando o máximo proveito da importância que tomou a base no último conflito israelo-árabe, o governo colonialista irá decerto pedir a Nixon um fornecimento de armas aperfeiçoadas, para fazer face à luta de libertação dos povos das colónias de Angola, Guiné e Moçambique. Nada admira que Nixon se veja obrigado a ceder, passando agora a fornecer abertamente as armas aos colonialistas, em contradição com a « posição oficial de recusa » de fornecimento desde há 10 anos.

Além da base dos Açores, o governo português possui três outros instrumentos convincentes no momento actual: o petróleo angolano, o urânio português e as ilhas de Cabo Verde. A importância económica e política destes, proporcionam aos dirigentes colonialistas uma posição vantajosa nos futuros acordos com o imperialismo americano e com outras potências capitalistas.

Agressão dos Estados árabes, ocupação do território do povo palestino, massacre e exploração dos povos de Angola, Guiné e Moçambique: eis o que une os governos americano, português e israelita. Um mesmo objectivo: tentar travar as lutas de libertação e de independência nacional, o avanço das forças revolucionárias e socialistas.

## OS MASSACRES DE MOÇAMBIQUE E A SANTA-ALIANÇA COLONIALISTA

A Assembleia-Geral da ONU nomeou uma comissão encarregada de investigar localmente sobre as chacinas de civis em Moçambique, que foram divulgadas pelo padre Hastings no jornal inglês « Times », em Julho do ano passado. Do facto resultou uma série de manifestações anti-colonialistas por parte do povo inglês durante a visita oficial de Caetano a Londres.

A votação da comissão teve os seguintes resultados: 109 votos a favor; 4 contra (Portugal, Africa do Sul, Estados Unidos e Espanha) e 12 abstenções.

Foi igualmente aprovado um projecto de resolução que tinha por objectivo o reconhecimento dos Movimentos de Libertação nacionais de Angola e Moçambique. O projecto, proposto por países africanos e socialistas, obteve 105 votos a favor, 8 contra (além dos já citados, contam-se a França, a Inglaterra e o Brasil) e 16 abstenções.

Não será de esperar resultados positivos, dado que a comissão nem chegará a pôr o pé em território moçambicano. O Caetano e os seus aliados colonialistas lá sabem porquê!...

## A FRANÇA ENVIA MAIS ARMAS



Helicópteros que a França fornece a Portugal

O jornal « Victória ou Morte », órgão do MPLA informa numa das suas últimas edições, que o governo francês decidiu fornecer ao governo português um novo carregamento de material militar: helicópteros « Alouette », aviões « Puma », veículos blindados « Panhard » e veículos de transporte de tropas « Berliet ». « Victória ou Morte » acrescenta ainda: « A partir de agora, o governo francês juntamente com os Estados Unidos, estão à cabeça dos países fornecedores de gaz tóxico e herbicidas a Portugal ».

## A COLABORAÇÃO DA AFRICA DO SUL

O ministro da defesa da Africa do Sul, Pieter Botha, esteve em Lisboa no começo do mês de Dezembro, onde se avistou com vários membros do governo durante os 4 dias da sua estadia. Este encontro está relacionado com os planos militares que os três regimes racistas, Portugal, Africa do Sul e Rodésia combinam para melhor combater o movimento de libertação em Moçambique.

# O DIA-A-DIA DOS PREÇOS

EM PORTUGAL

Em Portugal como em França, a vida custa cada vez mais a quem se vê obrigado a vender a sua força do trabalho por um salário que mal dá para cobrir as despesas de alojamento e alimentação. Cada vez menos, a quem compra essa força de trabalho como simples mercadoria, ou a quem decide dos preços, do desemprego e das reformas.

Os discursos de justificação da actual situação, por parte dos governantes portugueses já não iludem ninguém. As promessas de tabelação de preços, de aumento de salários e de combate aos abusos já não conseguem esconder a realidade do sistema capitalista e da consequente política governamental. Aquele baseia-se na exploração dos trabalhadores assalariados, esta « legaliza » a exploração.

Vejamos alguns aspectos dessa realidade :

## ALIMENTAÇÃO

Os preços dos produtos de alimentação de base sofrem um aumento brusco, sobretudo a partir de 1970. Será curioso verificar como esses aumentos se processam. As duas ameaças que pesam geralmente sobre os consumidores — « ou o preço aumenta ou não haverá o produto » e « se aumentar o preço não faltará o produto » — são as duas fases do aumento. De facto, primeiro o produto escasseia ou desaparece, voltando a uma existência normal após o aumento de preço, passando por um período de especulação verdadeiramente anormal. Foi o que aconteceu com o leite, o que acontece actualmente com os ovos e o bacalhau. A título de exemplo damos alguns números : as batatas passaram de 2\$90 para 3\$70, o quilo ; o chouriço, de 7\$00 para 8\$40, o quilo ; o carapau, de 35\$00 para 40\$00, o

quilo ; o bacalhau rareia e é objecto de especulação pouco comum na época do Natal, atingindo o preço de 70\$00, o quilo ; o azeite escasseia e passou de 35\$00 para 45\$00 o litro ; o leite, que era vendido a 4\$00 o litro, esgota-se em poucas horas, havendo no entanto, grande quantidade de leite pasteurizado, cujos preços variam entre 6\$40 e 7\$40. Entretanto : a produção mensal de leite passou de 400 mil litros para 1.200 mil litros, desde o início de 1973, só a produção do distrito de Aveiro pode abastecer todo o país. A própria Cooperativa Agrícola Leiteira disse estar disposta a fornecer o país, desde que o preço do leite passe de 4\$00 para 5\$00.

## TRANSPORTES

A situação criada pelo aumento do petróleo e seus derivados é explorada pela Carris de Lisboa que ameaça com novo aumento das tarifas dos autocarros. Salienta-se o facto de a Câmara Municipal de Lisboa ter actualmente ocupado a posição maioritária na Carris, com 67 % do capital social. Anteriormente, a Câmara argumentava, cada vez que havia aumento de tarifas, que a exploração estava a cargo da Companhia inglesa e que nada podia fazer. Hoje, agita o preteto do aumento do preço do petróleo. Que argumentos encontrará no futuro ? ...

## PAPEL, PLÁSTICO, BRINQUEDOS

Registou-se um aumento recente de 30 % no plástico e nos preços dos brinquedos de maior procura. Entretanto, a « crise » do papel, de que resultou um aumento de cerca de 20 %, promete não ficar por aí... Os preços dos livros são significativos a esse respeito.

dispostos a todas as especulações. E o Caetano aprova.

Enquanto o futebol profissional entretém as massas não se pensa em « políticas » ...

## NO TRIBUNAL PLENÁRIO

No Plenário Criminal de Lisboa com a tribuna presidida e ornamentada por uma matilha de cães vestidos de batas negras (também chamados juizes !) foram julgados no dia 29 de Novembro dois militantes revolucionários ; uma operária de 24 anos, Maria Fernanda Dâmaso de Almeida Marques Figueiredo, detida no 1º de Maio quando distribuía propaganda política em Mem-Martins, nos arredores de Lisboa, e o serralheiro de 28 anos, Fernando de Sousa Nunes, preso na Marinha Grande, em liberdade sob caução.

Ambos eram acusados de pertencerem à organização política « Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado » (MRPP), de prepararem e distribuírem material de propaganda política. Foram ambos condenados, a Maria Fernanda a dois anos de prisão maior e perda de direitos políticos por quinze anos e o Fernando de Sousa Nunes em dezoito meses de prisão correcional e perda de direitos políticos por cinco anos.

## DESEMPREGO

Anos	Despedimentos
1966.....	3146
1967.....	4889
1968.....	8835
1969.....	4357
1970.....	5586
1971.....	10036
1972.....	12340

Segundo estes números, publicados pelo Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra (FDMO), verifica-se que o desemprego se acentua nos últimos dois anos. O organismo citado acrescenta que estes números não correspondem à totalidade dos desempregados.

Quando se sabe que 48 % dos despedimentos se referem a trabalhadoras (sobretudo dos sectores têxtil, indústria de alimentação e vestuário) e que as mulheres só ocupam cerca de 20 % da população activa, ressalta o facto da grande instabilidade do trabalho feminino em Portugal. Interessa entretanto analisar as razões de tais despedimentos. Não se trata, como se poderia ser levado a pensar, de simples crise destes sectores industriais. Trata-se, ao contrário, da aplicação prática do projecto de reconversão industrial do tecnocrata Rogério Martins, em Portugal. Segundo este, a indústria portuguesa não tinha dimensões que lhe permitissem concorrer nos mercados internacionais. Perante isto, era necessário construir grandes unidades industriais, matando as pequenas e médias empresas, despedindo os operários. Ainda, segundo ele, os operários despedidos seriam reempregados nos novos « empreendimentos » sem dificuldades.

O que ele não disse é que o período de transição pode ser longo e que, entretanto, os trabalhadores despedidos vão engrossar a já enorme massa de desempregados, sendo obrigados a aceitar trabalho em piores condições ou... a emigrar. Tal e qual o que aconteceu com os pequenos agricultores que foram expulsos das suas terras, ou delas saíram para emigrar, porque a indústria e os serviços não conseguiam absorver o excedente de mão-de-obra.

## CONTRA O CAPITALISMO SELVAGEM

Uma grande empresa internacional, a Firestone, também explora em Portugal o trabalho dos trabalhadores portugueses ; a Firestone tem pois uma fábrica em Alcochete.

Desidério José Madaleno Carrato, operário, em 14 anos de fábrica ao lado do magro sustento para si e para a sua família (mulher e seis filhos) encontrou também uma doença — a espondilose (bicos de papagaio) — e um dia, por sentir fortes dores, não pôde ir trabalhar.

Dias depois recebeu em casa uma simples carta de despedimento. Após 14 anos a chuparem-lhe o sangue os patrões sanguessugas da Firestone mandam um operário para a valeta !

« Não me pagaram nem sequer as férias já vencidas ! » Desidério Carrato tentou falar com o director (um argentino) mas ele « nunca estava lá... » De resto esse patrão selvagem diz nunca admitir explicações : « trabalha-se com a cabeça, o coração fica em casa para a mulher ».

Ora Desidério Carrato não podia mais, e um dia agarrou num dos directores e numa cólera justa deu-lhe um enxerto de porrada que ele teve que ir parar ao hospital !..

## DESporto CAPITALISTA

### Cubillas ?

Alguns ordenados mensais actualizados :  
Porteiro : 1.700\$00 ; Corresp. ling. estrang. : 3.250\$00 ; guarda-livros : 3.750\$00 ; enfermeiro : 4.830\$00 ; técnico chefe de radiologia : 5.900\$00 ; Tecelão : 2.800\$00 ; cabeleireira : 3.200\$00 ; manicura : 1.200\$00 ; caixeiro (3ª classe) : 2.800\$00 ; caixa : 2.100\$00 ; cobrador (camionagem) : 3.600\$00 ; motorista (camionagem) : 4.100\$00 ; fiel de armazém : 3.100\$00 ; telefonista (1ª classe) : 4.000\$00 ; Cubillas (futebolista) : 150.000\$00.

Cubillas ? Quem é Cubillas ? Para ganhar cento e cinquenta contos por mês, cinco contos por dia, ou seja receber num mês o que um fiel de armazém recebe em quatro anos.

Cubillas é Peruano, futebolista profissional.

Assinou contrato com o F.C. do Porto. Por dois anos. A transferência custou mais de 11.000 contos !

Dentro das especulações do Futebol português, esta ultrapassa todas as outras e dá quase vertigens.

O fenómeno explica-se : hoje os grandes clubes de futebol não são clubes onde o povo possa praticar desporto, mas sim empresas capitalistas, com patrões à cabeça  
pagina 10

# UMA DATA NA HISTÓRIA DO MOVIMENTO

# OPERÁRIO PORTUGUÊS

Faz este ano quarenta anos que o movimento operário português, viveu um momento de lutas importantes e que não podemos esquecer. Ainda está na memória de muitos a forma revolucionária como os operários e os camponeses da Marinha Grande lutaram organizados e de armas na mão contra os patrões, as forças policiais e ocuparam a vila.

O fascismo era recente na nossa terra. O movimento operário de 1934 tinha como objectivos atacar as forças fascistas em vários pontos do país e defender os sindicatos e a independência da classe operária.

O povo da Marinha Grande deu o exemplo e do relato de um camarada que viveu essas horas exaltantes, damos aqui algumas passagens :

## UM TESTEMUNHO

« Na noite de 17 para 18 de Janeiro de 1934, por volta das 3 horas da manhã e segundo o plano estabelecido (num barracão junto à casa dum operário em Casal do Galego) fez-se a concentração dos operários componentes das brigadas e muitos outros, assim como das armas, munições e ferramentas necessárias ao cumprimento do plano. Daqui, sob a direcção dum responsável (que levava uma braçadeira encarnada no braço), saíram cinco brigadas de cinco operários cada, para o assalto ao posto da G.N.R. dirigida por António Guerra e para o assalto ao edifício dos correios, duas para a interrupção da via férrea e varias outras para cortar as árvores que iriam obstruir as estradas que ligavam a Marinha Grande a Leiria, Patais e Vieira de Leiria. Outras brigadas saíram para cortar as linhas telefónicas. No assalto ao posto da G.N.R. as brigadas eram abastecidas por jovens operários nomeados para esta tarefa. Deste modo e tal como tinha sido determinado, quando toda a vila estava no mais completo silêncio e a seguir a um tiro disparado, todas as brigadas começaram a actuar. Viveram-se a partir deste momento horas de emoção que não nos é possível descrever com o realismo, intensidade e alegria que as caracterizaram. Pode-se dizer que essa noite foi para os operários o seu primeiro baptismo de fogo até porque se aguardava a resistência e o fogo da G.N.R. Pela primeira vez os operários se sentiam donos dos seus destinos, senhores da terra que criaram e tinha sido o seu berço.

## O ASSALTO

As brigadas de assalto que cercaram por completo o posto da G.N.R., situado no centro da terra, uma de frente, colocada no terraço da associação dos bombeiros com armas e bombas de mão ; uma em cada topo da rua que passava de frente do posto e as brigadas que assaltaram o posto dos correios, agiram tão simultaneamente e com um fogo tão cerrado que tanto os guardas como as pessoas da terra pensaram ter rebentado uma verdadeira revolução em que predominavam as metralhadoras e bombas de muita maior potência.

A G.N.R. foi de tal modo surpreendida e batida por todos os lados que não teve ânimo para esboçar a mais ligeira resistência pelo que não deu sequer um tiro.

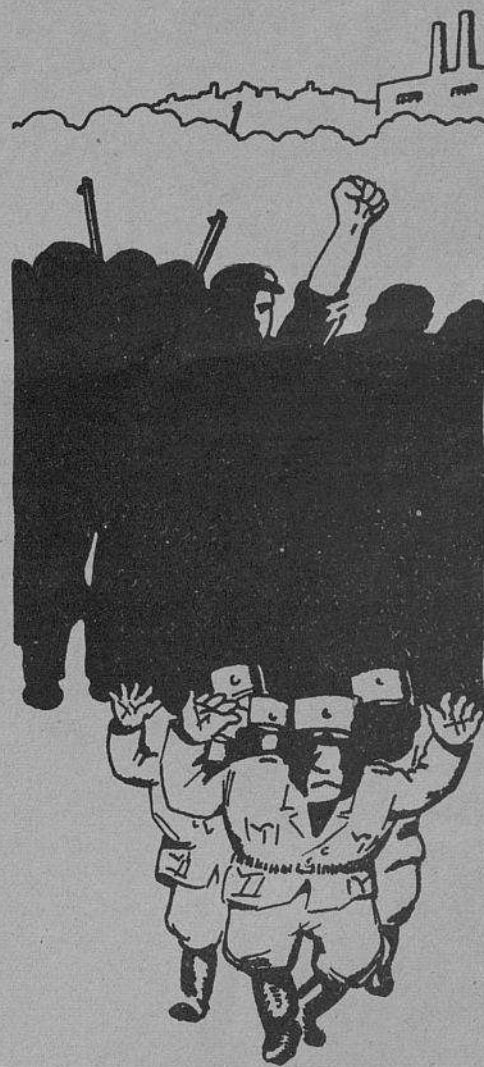
A G.N.R. não acreditava de início que fossem os operários que os tinham imobilizado. Nos correios fácil foi penetrar e tomar conta da rede de ligação. O chefe Manuel Leal, conhecido pelo ódio que tinha ao operariado não teve outro remédio que pôr-se ao serviço deste e ensinar à brigada o modo de proceder para se estabelecer e manter a ligação permanente pelo telefone com o comandante da G.N.R. (...) Passado pouco os correios estavam tomados, a linha férrea obstruída em dois pontos, do lado de Leiria antes de chegar à estação e do outro lado entre a estação e o apeadeiro de Pataias. As linhas telefónicas cortadas e as estradas cobertas de obstáculos impedindo a passagem de qualquer veículo.

Contra o posto da G.N.R. continuava o intenso tiroteio, as granadas de mão, os gritos de « rendam-se » ! « saiam todos para fora » « saiam do posto ou então alagamo-lo » ! ao mesmo tempo a insistência à rendição era feita pelo telefone da sede dos correios. Porém os guardas tinham medo de sair, o sargento receava render-se com medo das consequências, com receio da sua vida e da mulher e filha. Ele pensou que tinha chegado o momento de prestar contas à classe operária, pela pressão que contra ela desencadeou mais do que uma vez. (...).

## A G.N.R. RENDE-SE

Com a certeza que o movimento seria uma realidade à escala nacional e na intenção de não se fazer sangue, os operários deixaram correr assim os acontecimentos até por volta das 6 horas da manhã. Então, certos de que o assalto iria tomar novas proporções de que já não era possível esperar-se mais, os soldados da G.N.R. renderam-se saindo para a rua a um por um, com o sargento à frente, acompanhado da mulher e filha (...). Imediatamente os operários se apoderaram das armas e munições ; e com elas foram formadas novas brigadas para reforçar a defesa das entradas da vila. Após a tomada do Posto e das armas a alegria foi indescritível da parte dos operários que desempenhavam esta missão, das outras que já tinham regressado, assim como pela parte das dezenas de outros que se tinham juntado no centro da vila próximo do posto e da câmara municipal. Os vivas repetiam-se e os seus ecos atroavam como em dias de festa popular. Deram-se vivas à classe operária, ao povo, à Marinha Grande, aos trabalhadores que por todo o país estavam lutando e cumprido também a sua brava missão ! (...) gritava-se : « Vamos abrir o nosso sindicato ! Vamos nomear o « Soviet » (conselho operário) ! Vamos organizar a escolha de abastecimentos para distribuir ! Reforcemos a defesa da nossa terra ! » (...) O tiroteio e a execução de todo o plano estabelecido despertou a vila e seus arredores. Da Marinha Grande, do Engenho, da ordem da Embra, Picassinos, Ameirinha, Casal Galêgo, Trutas, etc. acorreram pessoas. Foram homens, foram mulheres e foram jovens que acorreram e se dispuseram a participar no movimento. Toda essa gente trabalhadora participou nos vivas e na alegria indescritível que reinam na noite do 18 de Janeiro, especialmente depois do assalto ao posto e a rendição da G.N.R. Não havia uma censura, não se notava uma reprovação, porque todos eram conhecidos, todos tinham sofrido e lutado ombro com ombro anteriormente. Ali estava reunida boa parte da família vidreira na esperança que desde então tudo ia melhorar para trabalhadores. Por isso há vivas, há abraços e lágrimas nos olhos. E assim batem as 7 horas da manhã, começando os carreiros operários para a vila em direcção às fabricas e tudo corre a abrir o sindicato ».

## O 18 de Janeiro de 1934



## UM EXEMPLO

Pela manhã forças importantes vindas de Leiria, Infantaria 7, artilharia 4, PSP, e GNR cercaram Marinha Grande e após um período de combate retomaram a vila.

O movimento que se deveria desencadear em outras vilas e cidades não fora suficientemente preparado e dirigido a reunir-se à acção da Marinha Grande e outras acções isoladas como a explosão da central eléctrica de Coimbra.

A vitória que se esperava não foi alcançada, mas ficou o exemplo e a coragem do povo da Marinha Grande em armas.

21 organizações sindicais representantes de 7 países de emigração (Argélia, Marrocos, Tunísia, Jugoslávia, Turquia e Itália) e 7 países importadores de mão-de-obra (Alemanha, Austria, Bélgica, Holanda, Noruega, Suécia e França) reuniram-se do 6 ao 10 de Novembro em Istambul (Turquia). Tratava-se da 2ª conferência sindical internacional sobre a emigração, tema que diz respeito a 11 milhões de trabalhadores emigrados espalhados pela Europa.

A conferência de Istambul tratou de dois temas principais :

- levar a cabo campanhas pela aplicação e pelo progresso da igualdade dos direitos nos contratos de trabalho, nos acordos bilaterais e nas normas internacionais ;
- desenvolver a acção sobre a educação das crianças dos emigrantes e a formação profissional dos adultos.

A declaração final afirma em particular :

« As delegações reunidas em Istambul consideram que a maior arma para lutar contra as explorações e os mercados de mão-de-obra ilegais reside na luta comum para a abolição de todas as discriminações e pela igualdade efectiva das condições e dos direitos entre trabalhadores.

A igualdade de direitos deve aplicar-se para as condições de trabalho, de salários, para as prestações sociais e as condições de vida, mas igualmente no domínio das liberdades democráticas e civis dos trabalhadores emigrados ».

**ASSEMBLEIA GERAL C.F.D.T.**

A Comissão dos Trabalhadores Portugueses Emigrantes CFDT realiza a sua próxima assembleia geral no dia 13 de Janeiro na Bolsa do Trabalho, 3, rue du Château d'Eau, metro République.

**NANTERRE E GENNEVILLIERS**

**OS EMIGRADOS DA MARGOLINE LUTAM !**

Margoline (Nanterre e Genevilliers) é uma empresa aonde trabalham essencialmente emigrados, árabes e portugueses. Em Maio deste ano tinha começado em Nanterre uma greve dura a partir da acção de 76 trabalhadores emigrados, logo seguida por 32 trabalhadores da filial de Genevilliers.

A greve de Maio obteve certas vitórias parciais : o salário a 6 F à hora e a obtenção da carta de trabalho. Mais de 40 trabalhadores não tinham, apesar de alguns trabalharem já há 2 anos, nem carta de « séjour », nem folha de pagamento, nem declaração à Segurança Social, nem sequer estavam inscritos no registo do pessoal ! ... No dia 3 de Dezembro estalou de novo uma greve na Margoline, com as seguintes reivindicações :

- Salário mínimo de 6 F 50 à hora
- « prime » de antiguidade
- luz, aquecimento dos duches e dos vestiários
- máscaras para as « presses »
- luvas de cabedal para a manutenção
- « prime » de refeição de 3 F no interior da fábrica e 5 F no exterior
- fim do dia de trabalho às 17 horas
- o direito ao respeito pela parte da direcção e dos contramestres.

« Eles queriam acordar uma ajuda militar a Portugal ao mesmo tempo que nos davam medicamentos para curar os nossos ferimentos ! Para nós esta atitude é imoral », declarou Marcelino dos Santos, vice-presidente do Frelimo a um jornal da Tanzânia, a propósito da ajuda que os sociais-democratas alemães queriam fornecer a este movimento de libertação de Moçambique.

« Apesar de serem o principal partido do governo da Alemanha Federal, o partido social democrata (SPD) só queria tomar posição contra o colonialismo português como partido e recusaram-se a fazer agir o governo de que fazem parte e onde têm a maioria, contra Portugal nas Nações Unidas e no seio da Nato ».

Por outro lado, os sociais democratas alemães consideram o projecto da barragem de Cabora Bassa a longo termo, como um aspecto positivo do que há-de ser um dia Moçambique independente...<sup>1</sup> O Frelimo desde a primeira hora que se tem oposto à construção desta barragem que considera justamente como um baluarte para a defesa dos interesses dos colonialistas portugueses em comum acordo com os governos racistas da Africa do Sul e da Rodésia, associados ao projecto.

Marcelino dos Santos conclui : « Como podemos acreditar num partido que quer cooperar connosco quando ele quer decidir do que é bom ou não para o nosso povo ? ».

1. A Alemanha Federal participa no projecto de Cabora Bassa com 14 milhões de dólares, isto é, qualquer coisa como 420.000 contos !

No regresso de uma viagem às colónias portuguesas, o núncio apostolico em Lisboa (embaixador do Vaticano) cardeal Guisepp Maria SENSI, teve a surpresa de vêr a sua mala diplomática revistada pela Pide, anuncia a revista espanhola « Vida Nueva ». A Pide queria assegurar-se que o cardeal não trazia consigo « documentos perigosos sobre as torturas e massacres efectuados nas colónias ». Por sua vez, o cardeal Ribeiro, patriarca de Lisboa, enviou uma carta aos bispos de Moçambique e a todas as revistas católicas, depois que Marcelo Caetano se recusou a tornar esta carta publica.

**villeneuve - st. - geoges**

**campanha  
irmãos Carneiro**

Foi distribuido na região um panfleto assinado pela CIMADE, CFDT, GISTI (grupo de informação e apoio aos trabalhadores emigrantes), JORNAL PORTUGUÊS, MRAP (movimento contra o racismo e o anti-semitismo e pela paz), PARTIDO SOCIALISTA, PARTIDO SOCIALISTA UNIFICADO e Jornal ROUGE

Uma campanha de solidariedade começou já a ser organizada na fábrica e no bairro. As associações e organizações que assinam este panfleto apoiam esta campanha e a mobilização pela justiça nas condições de alojamento e de trabalho.



Recebemos as seguintes publicações e jornais

A SEMENTEIRA, n°2 (Centro Outubro- Paris); O ALARME, n°16 (Grenoble); A BATALHA, n°14-15 (Alemanha); O SINDICALISTA, n°4 (Bélgica e Luxemburgo); 12 MILHOES DE EMIGRADOS, n°1 (Paris) e UNIDADE, n°1 (Londres).

A todos as nossas saudações democráticas.

A CNPO (Caixa Nacional de Previdência dos Operários da Construção civil e das obras públicas), foi criada a 31 de Julho de 1968, e tem a participação das organizações sindicais e patronais.

Os operários das empresas da construção civil e das obras públicas pagam automaticamente uma cota para a Previdência. Estas cotas descontadas directamente no salário (0,4 %) e completadas pelas do patrão (1,35 %) são destinadas à Caixa de Previdência.

Para beneficiar das vantagens CNPO, deve estar empregado numa empresa aderente no dia em que se produz o acidente, a doença ou o falecimento, ou estar desempregado involuntariamente, ou em invalidez reconhecida imediatamente a seguir a um período de emprego nessa mesma profissão (construção civil e obras públicas).

Diversas condições são exigidas para a obtenção de indemnizações. Aconselhamos os leitores que trabalhem no « bâtiment » a escreverem à Caixa sempre que estejam com baixa. Damos, como exemplo, alguns casos em que o trabalhador pode recorrer às indemnizações diárias CNPO.

**DOENÇA OU ACIDENTE DE TRABALHO**, desde que haja uma interrupção de trabalho superior a uma duração de 3 meses por motivo de doença. Para isso o trabalhador deve receber as indemnizações diárias da « Sécurité Sociale » e as do CNPO só são pagas entre o 91º dia e o 1.095º dia da suspensão do trabalho (de 3 meses a 36 meses).

*Importante* : além destas indemnizações a CNPO também administra o Regime Profissional das indemnizações diárias relativas à suspensão de trabalho inferior a 90 dias. Para isso informe-se junto da Caixa.

No caso de **INVALIDEZ**, para exercer uma actividade remunerada (no quadro da legislação social), e desde que a invalidez não seja devida a um acidente de trabalho, o operário tem direito a uma pensão de invalidez, a partir do momento que a Segurança Social lhe concede na 2ª. ou 3ª. categoria.

Também em caso de **FALECIMENTO** do operário, salvo por acidente de trabalho, pode ser adquirida pela viúva ou pelos orfãos, uma pensão.

Igualmente o **CAPITAL-FALECIMENTO** é dado como uma indemnização de falecimento, no caso do falecimento se ter dado depois do 30 de Novembro de 1971. Esta indemnização é paga ao cônjuge ou à falta dele aos descendentes directos (filhos) ou ascendentes directos a cargo (pais).

Uma indemnização de passagem à **REFORMA** é prevista pela CNPO.

Para todas estas regalias a que o trabalhador do « bâtiment » tem direito, o cálculo é feito segundo um sistema de pontos que são acumulados de acordo com as diversas empresas do « bâtiment et travaux publics » onde o trabalhador esteve empregado.

Esta Caixa é nacional e damos junto a lista das moradas da Direcção Regional :

— Região 1 : 43, rue Condorcet — 33086 BORDEAUX CEDEX

— Região 2 : 111, rue Royale — 59042 LILLE CEDEX

— Região 3 : 23, rue Renan — 69361 LYON CEDEX 2

— Região 4 : 32, cours Pierre-Puget — 13292 MARSEILLE CEDEX 2

# INFORMAÇÃO PARA OS TRABALHADORES DO « BÂTIMENT »,

— Região 5 : 60, rue Jacquinot — 54015 NANCY CEDEX

— Região 6 : 11, rue Cuvier — 44024 NANTES CEDEX

— Região 7 : 7, rue Keppler — 75783 PARIS CEDEX 16

— Região 8 : 221, boulevard Davout — 75971 PARIS CEDEX 20

— Região 9 : 12, rue de Buffon — 76042 ROUEN CEDEX

Por exemplo : Um trabalhador que habite nas Yvelines (78) depende da região 8, e em Hauts de Seine (92) depende da região 7.

Não deixe de escrever à Direcção Regional da CNPO e indique com exactidão : O nome completo ; A morada ; O número da « Sécurité Sociale » ; O nome, a morada e o número de INSEE (que deve estar indicada nas folhas de « paie ») da empresa onde trabalha.

**AJUDA PARA AS FERIAS** (Aide aux vacances)

A APAS (Associação Paritária de Acção Social — Obras Sociais da Construção Civil e Trabalhos Públicos da Região Parisiense é um organismo onde todas as empresas do « Bâtiment » são obrigadas a inscrever-se. Mas apenas em Paris e nos departamentos de Val de Marne (94), Hauts de Seine (92), Seine St Denis (93), Yvelines (78), Essonne (91), Val d'Oise (95).

Algumas empresas de Trabalhos Públicos também aderem à APAS (sem ser obrigadas — para o saber perguntar ao delegado sindical, ao « comptable » ou ao chefe do « chantier »).

Este organismo, tal como já faz para outras nacionalidades, criou um fundo de « ajuda às férias » para os portugueses.

Essa ajuda consiste na atribuição da soma de 100 francos para o imigrante e cada membro da sua família, que se deslocar a Portugal em férias.

A ajuda só é válida se o imigrante escolher a viagem de avião. Quer dizer que uma viagem de ida e volta para o trabalhador ou

cada familiar custa : Paris-Lisboa ou Paris-Porto 496 francos ; Paris-Faro 561 francos.

Para esse efeito, é necessário pedir à APAS um impresso especial que deverá ser preenchido pelo patrão, indicando o período de « congé ». Uma vez o impresso assinado pelo patrão, dirija-se à Air-France (2, rue Scribe — 75009 Paris — métro Opéra), para retirar o bilhete. Só esta agência dá direito à redução.

Para obter o impresso, escrever em português à

APAS  
Boite Postale 407  
75626 Paris Cedex 13

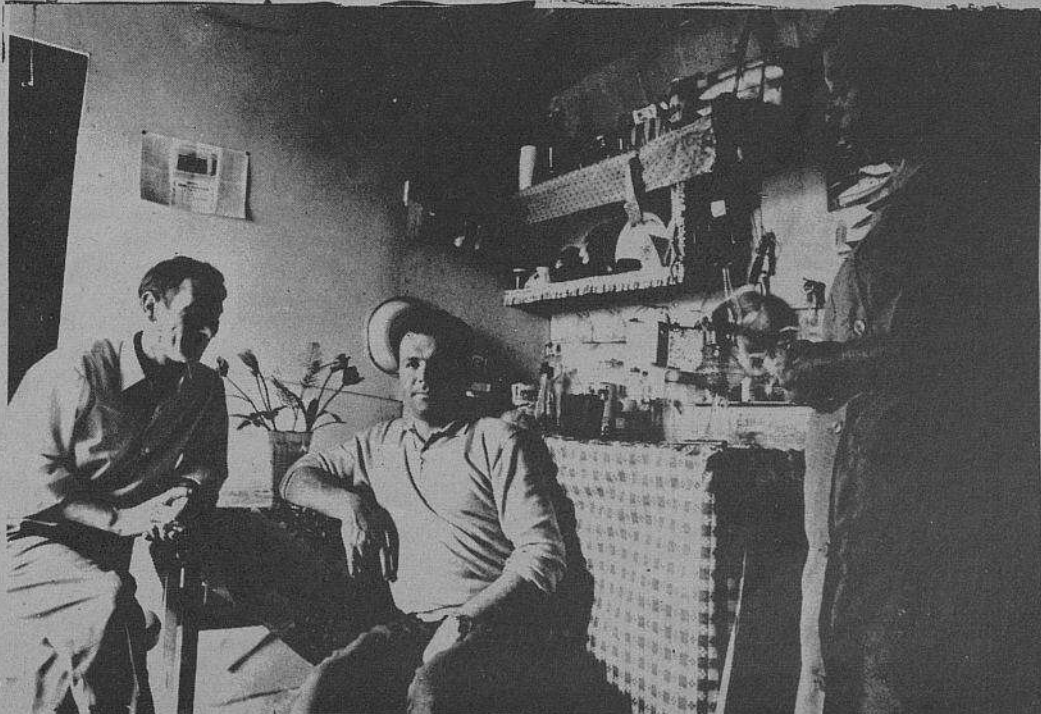
**SUBSIDIO DE NASCIMENTO** (Prime de Naissance)

Injustamente, os trabalhadores imigrados não têm direito ao subsídio de nascimento da Caixa dos Abonos de Família, ao contrário dos trabalhadores franceses.

A APAS criou uma « prime » destinada aos trabalhadores nestas condições. Este organismo paga 150 francos aos trabalhadores manuais e 100 francos aos empregados ou quadros desde que o trabalhador — pertença, pelo menos desde há dois meses na data de nascimento da criança, a uma empresa aderente à APAS.

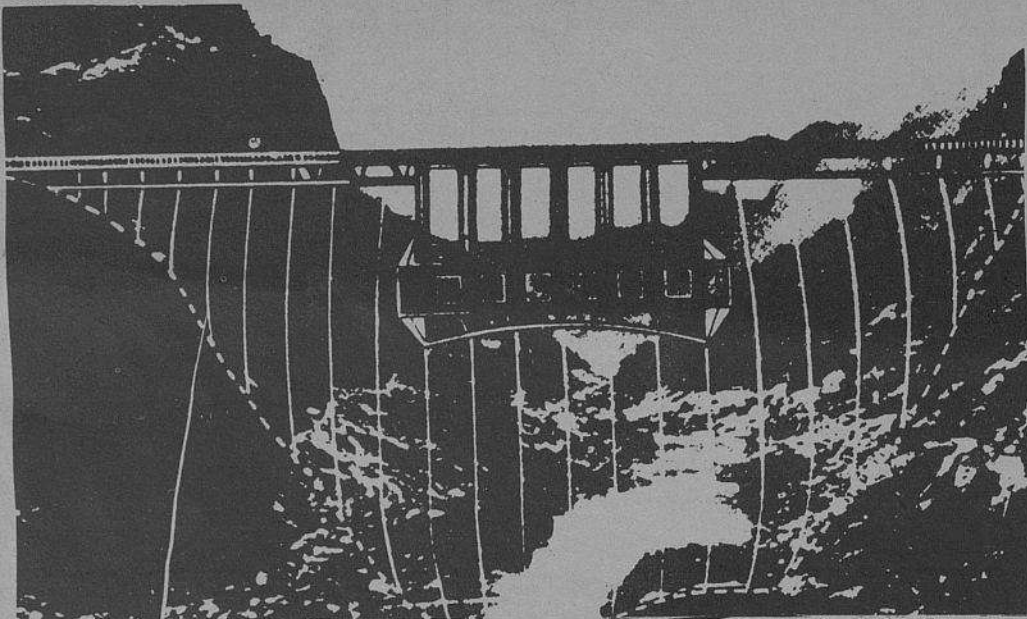
Pedir o impresso à APAS (morada acima) e enviá-lo preenchido juntamente com um certificado de nacionalidade da criança.

*Os nossos direitos são limitados, não ignoremos as leis ou organismos que nos concedem algumas regalias. Se não lhe for possível escrever em francês, não hesite em escrever em português. Informe os seus colegas de trabalho destes direitos.*



# AS BARRAGENS DE CABORA BASSA E DO CUNENE

A barragem de Cabora Bassa situa-se no curso do rio Zambeze a 150 km do norte de Tete (Moçambique) próximo das fronteiras do Malawi, da Zâmbia e da Rodésia. Será a maior barragem africana, com um lago artificial que permitirá a irrigação de 2.500.000 hectares de terra onde o governo português prevê a fixação de 1 milhão de colonos brancos. Cerca de 80% da energia eléctrica produzida será comprada pela África do Sul e utilizada na exploração das minas do Transval. Por outro lado, as enormes riquezas do subsolo da região poderão ser exploradas a custos baixíssimos: o carvão, o ferro, a bauxite, o cobre, o níquel, o manganés, o cromo, o alumínio, etc.



## A PARTICIPAÇÃO DOS MONOPÓLIOS INTERNACIONAIS

Os trabalhos da construção começaram em Outubro de 1969. A 1ª fase dos trabalhos deverá estar terminada em Março de 1975, a 2ª fase em Janeiro de 1977 e a 3ª fase em 1979 — isto claro está, segundo o que prevê o plano de construção. O custo do projecto elevar-se-á, sem as despesas imprevistas a 9 milhões de contos. Houveram três consórcios que disputaram o contrato: Cabora Bassa Construction Consortium (Londres) dominado pelo capital inglês; Cabora Bassa Builders (Paris) dominado pelo capital americano e Zambeze Consorcio Hidroelectrico (ZAMCO) dominado pela firma sul-africana Anglo-American Corporation of South Africa, que finalmente assinou o contrato definitivo em 1969 com o Marcelo Caetano já no poder.

A ZAMCO tem a sede em Lisboa e é composta de varias firmas alemãs, francesas, sul-africanas e portuguesas. O exclusivo do fornecimento de cimento necessario à construção da barragem pertence à Rodésia (800 toneladas por mês, num total de 135 milhões de libras esterlinas). A cobertura financeira é assegurada pelos « Banque de Paris et Pays-Bas » (França), « Union of Acceptance of Johannesburg » (África do Sul), « Kreditanstalt für

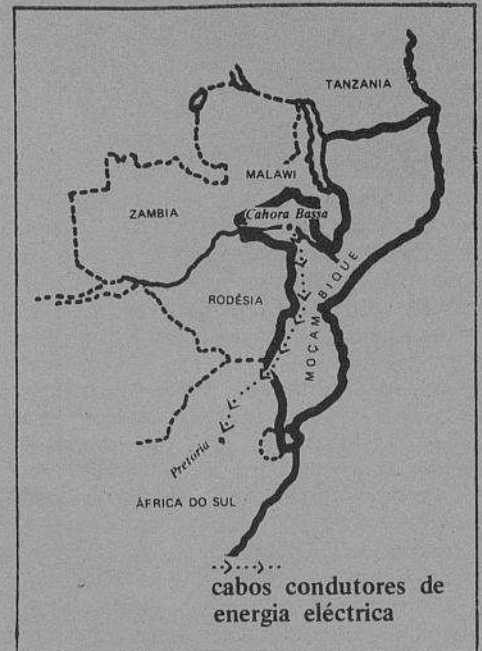
Wiederanfbau » (Alemanha). Alguns projectos anexos são cobertos pela « Bank of America » e pelos bancos portugueses. A participação portuguesa é de 1,7 milhões de contos (num total como já vimos de 9 milhões). Para financiarem o projecto do lado português entraram em associação o Banco Nacional Ultramarino, o Banco Pinto e Sotto Mayor e o Banco Totta Aliança.

## REFORÇAR O PODER RACISTA DAS MINORIAS BRANCAS

Como já dizia o Diário de Noticias em 1969: « O progresso que constituiu a construção da barragem de Cabora Bassa permitirá não somente pôr fim à actividade dos

guerreleiros, que lutam desde há 5 anos no norte de Moçambique, mas ainda instalar 1 milhão de portugueses no vale do Zambeze, o que terá uma grande importância não somente para o futuro de Moçambique mas também para todo o sul de África ».

O objectivo da construção desta barragem é impedir o avanço do movimento de libertação, criar condições económicas para a fixação de novos colonos e reforçar o poder racista das minorias brancas nesta parte do mundo. Para a região da barragem foram já deslocados à força mais de 24.000 moçambicanos. Desde que a barragem começou a ser construída o Frelimo (Frente de libertação de Moçambique) anunciou que se oporia a realização do projecto e levaria a cabo o combate nesta nova frente. Por outro lado, o Frelimo põe em evidência o facto de que a luta em Moçambique tem tomado o aspecto de uma escalada internacional. Cada vez mais o colonialismo português faz apelo às potências ocidentais para o ajudar a combater o movimento de libertação. A presença de tropas sul-africanas e rodesianas ao lado do exército português, a participação massiva de capitais estrangeiros nos investimentos e controle dos principais sectores economicos — mostra claramente a cumplicidade existente entre o governo português e o imperialismo.



A luta desenvolve-se assim contra o colonialismo e contra o imperialismo.

## ESTENDER A LUTA A TODO O PAÍS

« Contudo, hoje Cabora Bassa perdeu muito da sua importância, declara Frelimo num artigo recente. As nossas forças cobrem já toda a província de Tete e entraram em Manica e Sofala: Cabora Bassa ficou assim isolada, como uma ilha no meio do fogo. Diariamente os nossos camaradas destroem o material que segue para a construção, descarrilam comboios, despedaçam carros. Quer dizer, a construção será paralizada em consequência do próprio desenvolvimento da luta. Por isso não nos interessa atacar frontalmente Cabora Bassa — interessa-nos sim (e é essa a nossa estratégia) estender a luta a todo o país. E é isso que estamos a fazer ».

## O PROJECTO DO RIO CUNENE

O projecto da exploração hidro-eléctrica do rio Cunene em Angola é uma realização que tem os mesmos objectivos.

O rio Cunene nasce em Nova Lisboa e corre paralelamente ao litoral mas separado por uma zona de montanhas de 180 km em média, que se estende até ao sul junto à fronteira com o Sudoeste Africano (Namíbia). É o próprio rio que limita a fronteira entre os dois países numa região quase desértica.

O projecto do Cunene começou a ser estudado entre o governo português e o da África do Sul em 1962-63 e após vários anos de negociações um acordo final foi assinado em Lisboa em Janeiro de 1969. Este projecto custará 612 milhões de dólares (ou seja, cerca de 18 milhões de contos) e compreenderá um total de 27 barragens e complexos hidro-eléctricos ao longo do rio Cunene até à foz, já em território do Sudoeste Africano. No estado do actual do projecto, serão os dois países (Portugal e África do Sul) que financiarão inteiramente a construção. A prioridade é dada às construções das barragens do Gove, Matunto, Calueque e das quedas do Ruacana. Esta 1ª fase estará terminada em 1978. A obra mais importante nesta fase é a barragem do Gove perto de Nova Lisboa que custará 12 milhões de dólares e dará nascença ao maior lago artificial das colónias portuguesas, maior ainda do que o de Cabora Bassa.

## CANALIZAR OS TRABALHADORES PARA AS COLÓNIAS

Bettencourt Moreno, autor de um estudo deste projecto em 1967 e actual director do Gabinete de Plano do Cunene (organismo que se ocupa do projecto do lado português), considera que o projecto do Cunene « permitirá canalizar o dilúvio de trabalhadores que todos os anos partem para estrangeiro » (cerca de 170.000 por ano em média).

Assim um dos objectivos deste projecto é poder fixar na região cerca de 500.000 novos colonos brancos: portugueses, sul africanos, alemães... Do total deste colonos, 150.000 serão contratados para construir a rede de irrigação.

O Ofício Provincial das Instalações organizou em 1969 um curso destinado aos antigos soldados do exército colonialista para os encorajar a ficar em Angola.

Com o mesmo objectivo, foi criado em Agosto de 1970 o Secretariado Nacional da Imigração cujas funções são « o controlo e a repartição dos emigrantes, em particular nas províncias ultramarinas, e a criação de um sistema completo de apoio a estes emigrantes onde quer que eles estejam ».

## COMO NO VIETNAM...

Um outro objectivo ligado ao projecto é o deslocamento forçado de milhares de Angolanos para os a Ideamentos, tal como o general Spínola tentou na Guiné à semelhança do que faziam os americanos no Vietnam.

Com estas medidas, os colonialistas pretendem reforçar o controlo policial das populações e isolá-las do movimento de libertação.

Quanto à energia eléctrica produzida, ela vai sobretudo beneficiar as grandes companhias mineiras que exploram as riquezas do subsolo de Angola e do Sudoeste Africano Namibia; as minas de uranio de Tsumeb no deserto da Namibia, as minas de uranio de Rossing, a Companhia Mineira do Lobito, etc.

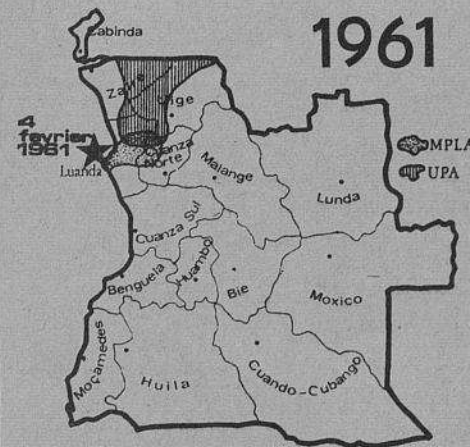
O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) comenta nestes termos o projecto: « Não se trata de forma alguma de promover o desenvolvimento económico do povo angolano, mas de reforçar o poder branco, quer dizer, o imperialismo em Africa. É preciso combater este projecto por todos os meios; todos aqueles que participarem na sua realização serão considerados como inimigos do nosso povo que saberá pegar nas armas para defender-se ».

## DOIS PROJECTOS CONTRA OS POVOS AFRICANOS

Os projectos das barragens de Cabora Bassa e do Cunene estão estreitamente ligados entre si e ambos tem aspectos semelhantes:

- São realizados conjuntamente pelos governos português e sul-africano;
- Situam-se em zonas de grande actividade de guerrilhas que levam a cabo os movimentos de libertação;
- Ambas pretendem fixar um grande número de colonos brancos (1 milhão em Cabora Bassa e 500 mil no vale do Cunene);
- Elas são a prova evidente da presença das potências imperialistas ao lado dos governos português e sul africano, contra os interesses dos povos africanos.

# 3 DATAS HISTÓRICAS



## ANGOLA : 4 DE FEVEREIRO DE 1961

Vai fazer 13 anos no proximo mês que os patriotas angolanos iniciaram a luta armada contra o colonialismo português. Agostinho Neto, presidente do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), comenta este acontecimento nos seguintes termos:

Um facto que é preciso sublinhar é a acção do 4 de Fevereiro de 1961, que marca o começo da luta armada. Num momento em que a repressão atingia o grau mais elevado e que muitos camaradas se encontravam na prisão devido às suas actividades patrióticas, vários militantes do MPLA, em Luanda, decidiram atacar as prisões e os postos da polícia para libertar os prisioneiros. Começamos por atacar uma patrulha para nos apoderarmos das armas e depois com elas demos o assalto aos postos da polícia e as prisões. A operação não foi um êxito completo porque os prisioneiros não foram libertados, mas a partir desse momento o povo tomou consciência da necessidade da luta e os portugueses tiveram que encarar uma situação inesperada, prelúdio das dificuldades perante as quais eles iam encontrar-se para manter a sua dominação.



## EDUARDO MONDLANE : 3 DE FEVEREIRO DE 1969

Faz 5 anos que Eduardo Mondlane, um dos fundadores e 1º presidente do FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) foi cobardemente assassinado pelos colonialistas portugueses.

Nesse dia em Dar-es-Salaam (Tanzânia) onde residia, morreu Eduardo Mondlane em consequência dos ferimentos graves ocasionados pela bomba que lhe rebentou entre as mãos e que se encontrava camuflada num embrulho que lhe tinha sido enviado pelo correio.

« Há uma grande semelhança entre as mortes dos camaradas Eduardo Mondlane e Amílcar Cabral — que nos meios utilizados pelo inimigo, quer nas razões, quer nos objectivos, declarou a FRELIMO o ano passado pela ocasião do 4º aniversário da morte de Eduardo Mondlane.

Ambos foram assassinados porque representavam a unidade do povo e a garantia duma linha verdadeiramente revolucionária e popular, que rejeita qualquer compromisso com o colonialismo e o imperialismo e assegura como fim primário da luta a satisfação dos interesses do povo. Isto tornou-os alvos nº 1 para o inimigo. Porque o colonialismo contara com a persistência das divisões tribais, regionais e raciais para continuar com a estratégia de « dividir para reinar » graças à qual conseguiu dominar os nossos povos durante tantos anos. Por outro lado, a prossecução da linha revolucionária e popular tirava aos colonialistas qualquer esperança de enganar o povo com uma independência fictícia de hino e bandeira, continuando a exploração como anteriormente ».



## AMÍLCAR CABRAL : 20 DE JANEIRO DE 1973

Amílcar Cabral foi o inspirador do nacionalismo na Guiné e em Cabo Verde, o organizador da luta e ao mesmo tempo o símbolo da unidade de todo o povo no combate contra o colonialismo e o imperialismo. No dia 20 de Janeiro do ano passado, foi assassinado em Conakry (Republica Popular da Guiné) por agentes do colonialismo português infiltrados no PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), através dos numerosos desertores africanos que todos os dias abandonam o exército colonialista.

Amílcar Cabral tinha 48 anos e fez os seus estudos em Cabo Verde e Portugal, tendo mais tarde regressado à Guiné para trabalhar como engenheiro agrónomo. Durante todo este tempo, foi mobilizando e organizando o povo e criando condições para o desencadeamento da luta. Em 3 de Agosto de 1959, em reacção às reivindicações pacíficas dos estivadores de Pijiguiti, os colonialistas fizeram um massacre em que mais de 50 trabalhadores foram mortos e mais de 100 foram feridos. Dois anos depois, a 3 de Agosto de 1961, o PAIGC proclamava a passagem à acção directa, e em 23 de Janeiro de 1963, o PAIGC começava a luta armada de libertação nacional.

Durante 10 anos de luta armada, Amílcar Cabral dirigiu como secretario geral do PAIGC o combate do seu povo. Hoje, 3/4 do território estão libertados e o povo da Guiné proclamou solenemente a independência no passado dia 24 de Setembro.

A luta continua !

# MANIFESTAÇÕES ESTUDANTIS EM LISBOA

IMPRESSO MC MARTINS

Em Dezembro desenvolveu-se uma grande agitação estudantil na Zona de Lisboa. O ministro da Educação Nacional e o Caetano pretendem impôr uma lei na Universidade de disciplina autoritária e « pidesca » : essa lei

dizia que os reitores das Universidades podem recusar a matrícula a estudantes. Assim, pretendem eles acabar com a larga agitação estudantil tentando eliminar alguns, os mais dinâmicos na luta contra o regime e



a guerra colonial e intimidando enfim todos os estudantes : tudo isto ligado ao controlo policial através dos vigias e outro « pessoal » à entrada e dentro da Universidade e dos liceus.

Lei do chicote !

A resposta dos estudantes não se fez esperar.

A lei apareceu em fins de Novembro e a 7 de Dezembro os estudantes saíram para a rua afrontando violentamente a polícia na Avenida Miguel Bombarda e na zona do Rato-Politécnica. Houve desfile na Rua da Escola Politécnica, foram atacadas as instalações do Banco Pinto & Sotto Mayor, e a polícia foi atacada em vários outros pontos de Lisboa, no Chiado, na Praça do Chile e na Avenida de Roma, havendo larga difusão de comunicados ao povo de Lisboa.

O governo respondeu com a suspensão de alguns alunos e a prisão de dois estudantes do Técnico. Entretanto as aulas não funcionavam mais, várias faculdades foram obrigadas a fechar as portas para impedir a concentração dos alunos, nomeadamente o Instituto Superior Técnico e a Faculdade de Ciências.

No dia 13 de Dezembro, registaram-se novas manifestações de estudantes nas ruas de Lisboa, no Areeiro, na Praça da Figueira e na Estrela, dando origem a afrontamentos com a polícia.

## VAGA DE PRISÕES EM PORTUGAL



Como noticiámos no número anterior, foi preso em Portugal no dia 22 de Novembro às 10,45 h, na avenida Duque d'Avila, Inácio Palma, um dos fundadores da LUAR (Liga de União e Acção Revolucionária). Juntamente com ele foram ainda presos : António José Vieira Pinto, José Casimiro Martins Ribeiro, Fernando Nunes Pereira, Luis Filipe Rodrigues Cardoso Guerra, Ernesto Carlos Conceição Pereira.

Nessa mesma altura, a 400 metros deste local, na Alameda D. Afonso Henriques, os estudantes do Instituto Superior Técnico saíram para a rua, manifestando contra o decreto-lei que expulsa definitivamente de qualquer universidade portuguesa todo o estudante suspeito de actividades subversivas. Esta manifestação decorreu até à Praça do Chile, onde afrontou polícia. As vitrinas dos bancos que se encontravam ao longo do percurso foram apedrejadas pelos estudantes.

### O CONTROLO POLICIAL

A prisão de Inácio Palma e dos seus companheiros só foi anunciada em Portugal no dia 28 de Novembro no noticiário das 21 horas da Televisão. No dia seguinte O *Diário Popular* e a *Capital* davam a notícia em primeira página e publicavam as fotos que a Televisão tinha mostrado na véspera. No entanto, a notícia já circulava no estrangeiro desde o dia 24 de Novembro. A emissão em português da rádio BBC de Londres foi a primeira a anunciá-la e dois dias mais tarde as agências noticiosas. A Pide procurou retardar o mais possível o conhecimento público de tal notícia.

Mas a vigilância da polícia e os sucessivos controlos tinham-se multiplicado na última semana de Novembro, tanto em Lisboa como

em certas cidades da província. Certos bairros de Lisboa eram cercados e quadrilhados pela PSP e a partir das 10 h. da noite pediam a identificação a todas as pessoas.

As operações stop da circulação automóvel, que desde há uns tempos têm vindo a funcionar, foram imediatamente reforçadas. Desta vez, pediam aos proprietários dos veículos para abrirem o porta-bagagens sob pretexto de verificarem se possuíam o triângulo de estacionamento. Estas operações funcionavam tanto no meio da cidade como às saídas em Lisboa, Setúbal, Coimbra e Porto.

### A PIDE E AS AGÊNCIAS DE ALUGUER DE AUTÓMOVEIS

Segundo certas informações, a presença em Portugal de Inácio Palma não era inteiramente desconhecida e corria o rumor que ele estaria clandestino no interior do país.

Por outro lado, alguns dos anti-fascistas presos no 22 de Novembro teriam alugado a automóveis em Portugal à agência Avis. Ora desde o mês de Outubro que a Pide exige das agências de aluguer de automóveis uma ficha com os elementos de identificação de toda a pessoa que aluga um automóvel. Esta medida teria sido posta em aplicação, dado que na maioria dos assaltos a bancos realizados neste último ano em Portugal, foram utilizados automóveis alugados nas agências. Teria sido relativamente fácil para a Pide constatar que um certo número de automóveis tinham sido alugados por pessoas possuidoras de uma carta de condução que não condizia com o nome registado na Administração. Isto porque estes militantes anti-fascistas se encontravam em Portugal com uma falsa identidade, como é evidente.

### 60 PESSOAS PRESAS

Mais tarde a Pide anunciava a prisão de mais uma série de pessoas que segundo ela, estariam relacionados com a prisão de Inácio Palma e seus companheiros. Trata-se de, Henrique Manuel Sanchez, José Manuel dos Santos Lopes, António Filipe Leite Pereira da Silva, João Braz Fontes Frade, Nuno Teotónio Pereira, Carlos Fernando Póvoa Alves, Maria de Fátima Pereira Bastos, Nuno Antonio da Cunha Gama Freire, Abílio Nicolau da Costa Brandão, José Oliveira da Silva, Luis Manuel Victor dos Santos Moita e Manuel Serra.

Ora na realidade esta vaga de prisões é bem mais importante e calcula-se que teriam sido presas cerca de 60 pessoas, entre os quais Helena Vidal e Teresa Vasconcelos e Sá. Neste grupo teriam ainda sido presos 3 padres da região do Barreiro, o que teria motivado a cólera de uma parte da população desta cidade. Algumas igrejas foram ocupadas e tiveram lugar comícios, tendo a GNR intrevido para evacuar e impedir as pessoas de entrar. Estes democratas e anti-fascistas têm sido torturados barbaramente pela Pide, sobretudo com a tortura do sono que é empregada de uma forma sistemática. Alguns teriam sofrido esta tortura durante 13 dias consecutivos.

Na mesma altura, isto é, no dia 26 de Novembro o Bispo do Porto, António Ferreira Gomes, foi interrogado pela Pide no Paço. O ocorrido deu origem a um ajuntamento de cerca de 200 pessoas que vieram manifestar o seu descontentamento junto da residência episcopal.